

INSTITUTO FEDERAL DE MINAS GERAIS
CAMPUS OURO PRETO

CÁSSIA EDUARDA MIRANDA SILVA

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CAPELAS DA REGIÃO
MINERADORA: O CASO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA
LAPA, DE ENTRE RIOS DE MINAS – MG**

OURO PRETO

2019

CÁSSIA EDUARDA MIRANDA SILVA

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CAPELAS DA REGIÃO
MINERADORA: O CASO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA
LAPA, DE ENTRE RIOS DE MINAS – MG**

Monografia apresentada à Diretoria de Graduação,
do Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro
Preto como requisito parcial para obtenção do título
de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Orientador: Alex Fernandes Bohrer

OURO PRETO

2019

CASSIA EDUARDA MIRANDA SILVA

**ESTUDO COMPARATIVO ENTRE CAPELAS DA REGIÃO
MINERADORA: O CASO DA CAPELA DE NOSSA SENHORA DA
LAPA, EM ENTRE RIOS DE MINAS – MG**

Trabalho de conclusão de curso submetido à banca examinadora designada pela Diretoria de Pesquisa, Graduação e Pós-graduação do Instituto Federal Minas Gerais – Campus Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Tecnólogo em Conservação e Restauro.

Aprovada em 19 de agosto 2019 por:

Prof. Alex Fernandes Boher
IFMG – Campus Ouro Preto

Prof. Maria Cristina Rocha Simão
IFMG – Campus Ouro Preto

Aziz José de Oliveira Pedrosa
UEMG – Belo Horizonte

Para os meus pais, exemplo em tudo que sou.

Para a pequena Ana Beatriz que alegra os meus dias.

Para Susamara e Daniel, pelo apoio incondicional.

Para meu avô José, por acreditar em mim e me mostrar que tudo é possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, presente em minha vida guiando os meus passos e iluminando o meu caminho, aos meus pais e meus irmãos pela compreensão e mesmo distante sempre presentes em pensamento.

Aos meus irmãos Hélio e Mateus e ao meu tio Alessandro, que ajudaram e tornaram possível o levantamento fotográfico.

Aos meus professores que ao longo do curso tornaram possível este momento, em especial ao meu orientador Alex Bohrer, sem ele seria impossível a realização deste trabalho.

Agradeço imensamente a Susamara, ao Daniel, a Dona Arlete Pedrosa e ao Sr. Evaristo (in-memoriam) presentes durante todo o meu percurso, tornaram-se minha segunda família e mesmo sem me conhecerem, me acolheram e me deram apoio incondicional e proteção.

Ao Felipe e demais funcionários da Secretaria de Cultura de Entre Rios de Minas, pelo apoio e contribuição no levantamento de dados para minha pesquisa, ao Sr. Adão Ferreira que por diversas vezes liguei, sempre à disposição e muito atento as minhas solicitações. Ao Daniel Vieira pela atenção, permitindo-me o acesso à Capela de N. S. da Lapa, ao Padre Geraldo pelo carinho e orientações que foram de suma importância para o desenvolvimento desta pesquisa.

A Ana Luisa Gomes Coelho a quem por inúmeras vezes recorri e não hesitou em me ajudar.

Ao Tarcísio Martins da Associação do Patrimônio Histórico, Artístico e Ambiental de Belo Vale.

Aos meus amigos Henrique e Leonardo e as minhas amigas, Diana, Walleska e Arlete, com quem dividi os melhores e os piores momentos durante a minha caminhada e a todos aqueles que passaram por minha vida e de alguma forma contribuíram para o que hoje sou.

A toda equipe do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana em especial a Luciana, pela competência e dedicação em me atender.

A professora Selma Melo Miranda pelas orientações e dicas que enriqueceram e contribuíram para esta pesquisa.

Espero não ter esquecido ninguém, a todos meus sinceros agradecimentos por tornarem possível a concretização de mais uma etapa em minha vida.

São igrejas e capelas que surgem quase miraculosamente num tempo que sabemos difícil de comunicações e transporte, em fazendas, arraiais ou pequenas vilas, sendo de fato surpreendente a riqueza criativa da época. [...]
Nunca mais se viveu, na América Latina, período de tal esplendor artístico.

Aracy Amaral

RESUMO:

Pós-descoberta do ouro no território de Minas Gerais houve um surto migratório de pessoas em busca das pedras preciosas, em decorrência desse acontecimento foram surgindo vários povoados que se desenvolviam em torno de uma capelinha. Cada templo possuía um santo protetor de acordo com a devoção das pessoas que viviam no seu entorno e os materiais construtivos empregados eram os mais diversos e sofriam variações em cada região. Este trabalho tem por objetivo uma comparação arquitetônica, entre alguns templos, baseado em um estudo de caso, a Capela de N. S. da Lapa (Olhos d'Água), situada em Entre Rios de Minas - MG. Está sendo analisado o partido arquitetônico aplicado em cada um dos templos, bem como as diferenças e semelhanças existentes entre eles. Para a realização deste estudo foram consultados livros e artigos referentes ao assunto, que permitiram um olhar mais aprofundado sobre os templos mencionados no decorrer da pesquisa. Tais edificações apresentam o mesmo partido arquitetônico com a exceção de alguns casos, sofrem variações na técnica construtiva empregada, bem como nas fachadas.

Palavras-chave: capelas, arquitetura, Minas.

ABSTRACT

After the discovery of gold in the territory of Minas Gerais, there was a migratory outbreak of people searching for the precious stones, as a result of this event several villages were developed around a little chapel. Each temple had a holy protector according to the devotion of the people who lived around it and the building materials used were the most diverse and varied in each region. This work aims at an architectural comparison between some temples, based on a case study, the Chapel of N. S. da Lapa (Olhos d'Água), located in Entre Rios de Minas - MG. It is being analyzed the architectural party applied in each of the temples, as well as the differences and similarities between them. For this study were consulted books and articles on the subject, which allowed a deeper look on the temples mentioned during the research. Such buildings present the same architectural party with the exception of some cases, suffer variations in the construction technique employed, as well as in the frontages.

Keywords: chapels, architecture, Mines.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Entorno da capela de N. S. da Lapa.	10
Figura 2: Primitiva Capela de N. S. das Brotas.	15
Figura 3: Paço Municipal de Entre Rios de Minas (antiga prefeitura).	17
Figura 4: Antiga Câmara e Fórum de Entre Rios de Minas.	18
Figura 5: Localização do município de Entre Rios de Minas – MG.	19
Figura 6: Casarões no centro da cidade de Entre Rios de Minas – MG.	19
Figura 7: Casarão na cidade de Entre Rios de Minas – MG.	20
Figura 8: Hospital Cassiano Campolina.	20
Figura 9: Retrato do Pe. Gonçalo Ferreira.	25
Figura 10: Fragmento da Nova Carta da Capitania de Minas Gerais (1821).	27
Figura 11: Antiga sede da Fazenda de Pe. Francisco.	28
Figura 12: Gruta de N. S. da Lapa, Antônio Pereira.	32
Figura 13: Interior da gruta.	32
Figura 14: Capela de Santana, Mariana – MG.	36
Figura 15: Capela do Padre Faria, Ouro Preto – MG.	36
Figura 16: Piso da sacristia (tijoleira).	38
Figura 17: Fachada principal.	39
Figura 18: Detalhe da ornamentação da portada.	39
Figura 19: Lateral esquerda da Capela de N. S. da Lapa de Olhos d’Água.	40
Figura 20: Detalhe da sacristia da Capela de N. S. da Lapa de Olhos d’Água.	40
Figura 21: Detalhe do óculo.	41
Figura 22: Lateral direita da Capela de N. S. da Lapa de Olhos d’Água.	41
Figura 23: Fachada posterior da Capela de N. S. da Lapa de Olhos d’Água.	42
Figura 25: Detalhe de um túmulo.	42
Figura 24: Muro de pedra (entorno da capela).	42
Figura 26: Piso de tabuado.	43
Figura 27: Pia batismal.	44
Figura 28: Balaustrada.	44
Figura 29: Púlpito.	45
Figura 30: Altares colaterais.	46
Figura 31: Passagem para sacristia.	46
Figura 32: Pia de água benta.	47
Figura 33: Altar-mor dedicado a N. S. da Lapa.	47
Figura 35: São José.	48
Figura 34: Sagrado Coração de Jesus.	48
Figura 36: Interior da sacristia.	49
Figura 37: Lavabo.	49
Figura 38: Detalhe do coro e forro.	50
Figura 39: Detalhe de prospecção.	51
Figura 40: Decoração encontrada por baixo da pintura.	51
Figura 41: Desenho ilustrando os vãos na capela-mor.	54
Figura 42: Fachada principal capela de N. S. da Boa Morte.	55
Figura 43: Ilustração da fachada posterior e lateral - capela de N. S. da Boa Morte.	56
Figura 44: Ilustração fachada principal.	56
Figura 45: Capela de N. S. da Soledade.	58
Figura 46: Detalhe de ornamentação na fachada principal.	58
Figura 47: Sineira.	58
Figura 48: Fachada capela de N. S. da Soledade.	59

Figura 49: Fachada frontal, capela de N. S. da Ajuda.	61
Figura 50: Fachada posterior e lateral (capela de N. S. da Ajuda).	61
Figura 51: Adro e Sineira (capela de N. S. da Ajuda).	61
Figura 52: Fachada Igreja de N. S. do Rosário (Coronel Xavier Chaves).	63
Figura 53: Igreja de N. S. do Rosário (Coronel Xavier Chaves).	63
Figura 54: Capela de N. S. do Rosário dos Pretos (Prados).	64
Figura 55: Fachada frontal, capela de N. S. do Rosário, Prados - MG.	65
Figura 56: Planta (escala do desenho 1/100)	66
Figura 57: Capela de N. S. da Glória.	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.P.M – Arquivo Público Mineiro

Dr. – Doutor

FEC – Fundo Estadual de Cultura

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

IPHAN – Instituto Patrimonial Histórico e Artístico Nacional

MG – Minas Gerais

N. S. – Nossa Senhora

Pe. – Padre

Sr. – Senhor

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	13
CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ENTRE RIOS DE MINAS, CAPELA DE N. S. DA LAPA E DEVOÇÃO	13
2.1. A cidade de Entre Rios de Minas – MG	13
2.2. Capela de N. S. da Lapa de Olhos d' Água	20
2.3. Invocação a Nossa Senhora da Lapa	28
2.3.1. Os jesuítas a expansão do culto a Nossa Senhora da Lapa	30
2.3.2 Nossa Senhora da Lapa de Antônio Pereira, Ouro Preto - MG.....	31
CAPÍTULO II.....	33
CONTEXTUALIZAÇÃO CAPELAS PRIMITIVAS E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA DA CAPELA DE N. S. DA LAPA	33
3.1. Contextualização das capelas primitivas	33
3.2. Descrição arquitetônica da Capela de N. S. da Lapa.....	37
3.2.1. Descrição interna e dos elementos artísticos.....	42
CAPÍTULO III.....	52
COMPARAÇÃO ENTRE CAPELAS DA MESMA REGIÃO	52
4.1. Considerações iniciais	52
4.2. Análises comparativas	54
4.2.1. Capela de N. S. da Boa Morte, Boa Morte, Belo Vale – MG	54
4.2.2. Capela de N. S. da Soledade, Lobo Leite, Congonhas – MG	57
4.2.3. Capela de N. S. da Ajuda, Alto Maranhão, Congonhas – MG.....	59
4.3.4. Capela de N. S. do Rosário, Coronel Xavier Chaves.....	62
4.3.5. Capela de N. S. do Rosário, Prados - MG.....	63
4.3.6. Capela de N. S. da Glória, Carandaí - MG.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	69

1. INTRODUÇÃO

Os pequenos arraiais de origem colonial desenvolviam-se em torno de uma capela, os colonizadores possuíam suas crenças e devoções e ao chegarem ao território das Minas, traziam consigo um oratório portátil. Nele havia um santo protetor e para abrigar a imagem construía-se uma capela, inicialmente a edificação era bem rústica edificada em barro e pau, com paredes caiadas de branco e cobertura de sapé. Eram dotadas apenas de um cômodo e apresentam nítido interesse artístico (CAMPOS, 2006, p. 27).

Como explica Campos (2006), no primeiro quartel de setecentos, as capelas foram ampliadas e receberam cobertura com telhas de barro, as plantas apresentam sobretudo a nave para uso dos fiéis, a capela-mor destinada ao sacerdote e seus auxiliares, a sacristia utilizada para guardar objetos litúrgicos, uma torre isolada ou inserida no templo com sinos para chamar os fiéis.

Era muito comum uma capela primitiva transformar-se em igreja matriz caso o arraial prosperasse, podendo passar por modificações sucessivas, ser ampliada em pau-a-pique ou pedra, caiada de branco e receber pinturas nos cunhais e vãos aparentes. O barro era um elemento muito utilizado na arquitetura colonial, porém, exigia cuidados constantes. Situação que corroborou para que muitas edificações posteriormente sofressem substituições pela pedra.

O templo em estudo está localizado na comunidade de Olhos d'Água, no distrito de Serra do Camapuã, aproximadamente 19 quilômetros do município de Entre Rios de Minas. O local fica afastado do perímetro urbano da cidade, é cercado por vegetações (FIG. 1) e conta com pouquíssimas casas afastadas umas das outras.



Figura 1: Entorno da capela de N. S. da Lapa.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

Edificado na segunda metade do século XVIII, tem como método construtivo pedra e cal, é composto pela nave, capela-mor e sacristia.

Entre Rios de Minas teve sua origem em 20 de dezembro de 1713, porém, boa parte de suas edificações (início) da colonização portuguesa se perdeu com o passar dos anos.

A Capela de N. S. da Lapa é uma das poucas edificações que ainda restam na cidade e faz parte do contexto histórico. A importância do patrimônio, bem como a preservação do mesmo, é um assunto pouco discutido pelas autoridades no município e distante da realidade da população.

Essa falta de conhecimento sobre a importância e a preservação do mesmo, é um dos fatores que contribuíram para o desenvolvimento de um estudo envolvendo a capela. A arquitetura colonial mineira é um tema bastante estudado que envolve uma gama de pesquisas em diferentes campos. Mesmo sendo um assunto um tanto discutido, ainda há muito que se acrescentar. Dessa forma o desenvolvimento de outras pesquisas relativamente ao assunto, certamente pode muito contribuir com o patrimônio cultural mineiro.

O presente trabalho tem como objetivo estudar a produção arquitetônica primitiva setecentista na região de Entre Rios de Minas, com a finalidade de enriquecer os conhecimentos sobre a cidade, municípios próximos e seus primitivos templos. Realizaremos um estudo comparativo entre capelas primitivas setecentistas, e de configuração arquitetônica análoga e muito comum na região de Minas. Os objetivos específicos são traçar um estudo sobre a cidade de Entre Rios de Minas; a capela de N. S. da Lapa; a contextualização das capelas primitivas; selecionar alguns templos próximos ao objeto de estudo; fazer uma análise comparativa entre eles considerando o partido arquitetônico, a técnica construtiva empregada, bem como as semelhanças e diferenças entre eles (fachada principal).

A Capela é de grande importância histórica, artística e cultural para o município de Entre Rios de Minas e a realização de um estudo salientando a mesma, poderá ser de grande relevância para que permaneça e desperte ainda mais o interesse em preservá-la mantendo suas qualidades, importância histórica, arquitetônica e contribuindo para o desenvolvimento cultural de inúmeras gerações.

De imediato, a intenção era o desenvolvimento de um trabalho educativo, com o objetivo de despertar o interesse tanto dos órgãos responsáveis pelo patrimônio e cultura, quanto dos moradores em preservar e salvaguardar o que ainda resta, tendo em vista a grande perda e descaracterização de quase todas as edificações remanescentes do período colonial. Diante das dificuldades encontradas nessa trajetória, surgiu a concepção de uma pesquisa de caráter acadêmico, visando à abertura de caminhos para trabalhos futuros.

Para facilitar e melhor compreender, o trabalho será organizado em três capítulos, o primeiro contendo informações referentes à cidade de Entre Rios de Minas – MG, a Capela Olhos d'Água (objeto de estudo) e o conteúdo histórico sobre a origem e a expansão do culto a Nossa Senhora da Lapa. No segundo capítulo faremos uma contextualização sobre as primitivas capelas, bem como a descrição arquitetônica, interna e dos elementos artísticos da capela de N. S. da Lapa. O terceiro capítulo, contará com estudo comparativo do nosso objeto de estudo com outras capelas de regiões próximas, contendo os resultados das análises realizadas, materiais empregados na construção, semelhanças e diferenças e as considerações finais do trabalho.

Para entendimento e desenvolvimento do conteúdo, foram determinados os seguintes procedimentos: pesquisa de referência bibliográfica, levantamento de dados sobre o assunto em questão, pesquisa de campo, estudos e análises fotográficas dos templos estudados.

Vale ressaltar que se trata de uma pesquisa de cunho acadêmico que visa incrementar algo mais sobre arquitetura em Minas e que servirá como base para outros estudos.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ENTRE RIOS DE MINAS, CAPELA DE N. S. DA LAPA E DEVOÇÃO

2.1. A cidade de Entre Rios de Minas – MG

O município de Entre Rios tem suas origens nos primórdios do século XVIII. Iniciou-se a corrida em busca do ouro, tal fato despertou o interesse de homens de diversas regiões. As terras do município de Entre Rios de Minas, eram habitadas inicialmente pelos índios “Cataguá”.

Segundo Silva:

A área de Entre Rios de Minas era ocupada, ao tempo da descoberta, por uma numerosa gente indígena, que representava ponto alto, pelo seu comportamento e pela sua arte, da civilização ameríndia do tempo. Eram os índios Cataguá, grandes guerreiros, grandes artífices, “os senhores do sertão”, como eram chamados, que dominavam uma vasta área da região centro sul de Minas Gerais. Eram bugres, temíveis, de quem não ousavam se aproximar os portugueses. Por isso mesmo, só em 1713 pode ser habitada a Região de Entre Rios de Minas, depois que, anos antes, uma expedição militar de grande envergadura, especialmente organizada pelo governo português para fazer guerra de extermínio aos Cataguá, os liquidou, não sem grandes lutas, mantidas duramente, com todas as superioridades de armas contra a índole belicosa do valente gentio Cataguá (SILVA, 1960, p. 7).

Logo após a apropriação das terras por definitivo, entrou em vigor o sistema das cartas de sesmarias, com doações de terras. Na região de Entre Rios havia apenas terras devolutas, até o início do século XVIII, como ocorria em grande parte do interior do Brasil. Essas terras não eram vendidas, eram doadas ou concedidas pelo Governo, para isso havia algumas condições impostas a quem as requeriam entre elas as de morar nas próprias terras, cultivá-las e colonizá-las. As terras doadas eram demarcadas e legitimadas em nome da pessoa que as solicitavam, através de títulos de escritura oficial da época, as cartas de sesmaria (SILVA, 1960, p. 25).

Muitos arraiais foram fundados a partir das sesmarias, que representam a sua certidão de nascimento, ou seja, o documento de fundação.

A carta de sesmaria concedida em 20 de dezembro de 1713, por Dom Braz Balthazar da Silveyra, Governador das Capitânicas de Minas Gerais e São Paulo, ao português Pedro Domingues é o documento de fundação do município de Entre Rios.

A cidade tinha o nome “Bromado”, conforme escrito na carta¹, à *paragem* onde Pedro Domingues, havia construído um sítio e pretendia viver com sua família, sendo esse o primeiro nome do município.

Entre Rios pertencia a Real Vila de Queluz, da comarca do Rio das Mortes, criada em 19 de setembro de 1791 pelo Visconde de Barbacena. A vila era chamada anteriormente de Arraial de Carijós, por ser habitada por indígenas desse nome e pertencia ao Termo da Vila de São José da comarca do Rio das Mortes, ao se tornar vila, foi desmembrada do Termo de São José.

Conforme informações encontradas em uma revista publicada pelo Arquivo Público Mineiro:

Há neste Termo da Villa de Queluz, e compreende o mesmo Termo a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da mesma Villa e parte de outras duas Freguesias, a saber Sto. Antônio de Itaverava que fica ao nascente, e Snr^a da Conceição de Congonhas do Campo q.^o fica ao poente. (CREAÇÃO de vilas no período colonial, 1897, p. 66).

Parte da freguesia de Congonhas do Campo pertencia ao Termo de Queluz, com dez capelas curadas, a outra parte pertencia ao Termo de Ouro Preto. Conforme descreve Campos:

A cidade de Entre Rios, em outro tempo districto denominado Brumado de Suassuhy, foi, como S. Braz de Suassuhy, Desterro de Entre Rios e Rio do Peixe, um curato pertencente a freguesia de Congonhas do Campo, que então fazia parte do antigo município de S. José d’El-Eei, comarca do Rio das Mortes (CAMPOS, 1896, p. 799).

Nos povoados mineiros de origem colonial, a vida social se desenvolvia em torno de uma capelinha, havia no arraial do Brumado uma primitiva capela dedicada a Nossa

¹ Dom Bras Balthasar da Silveyra.

Faço saber aos que esta minha carta de sismaria virem que tendo consideração a me representar Pedro Domingues que tendo, elle fabricado sitio em humas terras devolutas questão no caminho novo que vem da Villa de S. João d’ El-Rey pera as Minas geraes na paragem chamada o *Bromado* deseja viver nelle com sua família para cujo eft.^o me pedia lhe fizece m.^{ce} nas mesmas terras de huma de uma legoa em quadro, e visto seu requerimento, e não se oferecer duvida e esta concessão, hey por bem, fazer m. ^{ce} ao supp.^{te} em nome de El Rey digo S. Mag. ^{de} que Deos de huma legoa de terras em quadra na sobredita paragem, a qual faça: pião na casa da vivenda do supp.^{te} donde correrá para todos os rumos athe cerrar o quadro, da dita legoa, com declaração que não prejudicará os moradores que com efft.^o que cultivarem terras dentro da legoa em quadra, e tendo o supp. ^{te} dir.^{to} para os expulssar , o fará pellos termos da justiça somente, e será obrigado a povoar e cultivas das ditas terras dentro de dous annos, e não o fazendo nelles se devolverão etc como o mais que vay nas antecedentes. __Dada aos 20 de Dezmb.o de 1713.__o Secretário Manoel da Affon.ca a fez. __D. Bras B.ar da Silveyra. Consultar CARTAS..., 1899, p. 156.

Senhora das Brotas. O templo (FIG. 2) edificado em taipa,² era pequeno e localizava-se no largo da cidade, não se sabe ao certo a data de sua construção, os antigos livros relacionados ao assunto, provavelmente podem ser encontrados em Mariana. De acordo com Campos (1896), em 8 de julho de 1749 foi instituída nessa mesma capela, pelo missionário Apostólico Italiano Frei Luis Maria de Fulgo, uma Irmandade de N. S. do Rosário, a partir dessa informação associamos a data de sua construção a meados de setecentos.



Figura 2: Primitiva Capela de N. S. das Brotas.
Fonte: Cláudio Cardoso (arquivo pessoal).

Era comum os bandeirantes e portugueses, habitantes da capitania de Minas Gerais, estabelecerem-se em determinado local e edificarem uma capela, dotá-la de um capelão, a fim de, obter recursos espirituais.

Dentre diversas famílias que habitavam o Vale do Paraopeba no início do século XVIII algumas se fixaram na região, entre elas a do português Bartolomeu Machado, Quartel Mestre José Ignácio de Oliveira, Caetano Fernandes Penna e João Fernandes do Valle.

Provavelmente esse primeiro agrupamento de pessoas foram os primitivos moradores da atual Entre Rios de Minas. A construção da Matriz da freguesia deve-se a Bartolomeu Machado, considerado o povoador das terras do Brumado.

² Parede feita de barro socado ou mole, misturado a outros materiais, que dão melhoria a sua plasticidade e resistência, tais como cal, areia, cascalho, fibras vegetais, estrume animal, etc. Recebe várias denominações como taipa de mão, taipa de sopapo ou taipa de sebe. Essa técnica realizada de forma artesanal foi muito empregada no Brasil até fins do século XIX, tanto nos centros urbanos quanto nas áreas rurais. Consultar ÁVILA, Afonso, 1979, p. 87.

Posteriormente surgiram outras famílias que se ajuntaram as demais, sendo elas as dos capitães-mores Joaquim de Souza Pinto e João Ribeiro da Silva e do Alferes José Pacheco Monteiro, contribuindo para o desenvolvimento do arraial.

O município de Entre Rios foi elevado à freguesia em 14 de julho de 1832 pela Resolução da Assembleia Geral Legislativa. Em 7 de janeiro de 1875 foi elevado a vila, desmembrado do termo de Queluz, pela Lei Provincial n. 2109, com o mesmo nome Brumado do Suassuhy.

Em 1871, a população do distrito era de 8.443 habitantes.

Em 19 de outubro de 1878, recebeu o nome Vila de Entre Rios, pela Lei n. 2455 em 3 de janeiro de 1880, foi elevada a categoria de cidade, pela Lei n. 2579.

A denominação Entre Rios está associada ao seu estado físico de ser cortado pelos rios, Camapuã e Brumado.

O solo desse districto e bastante ondulado e mais elevado ao sul onde tem suas nascentes dois pequenos rios o Brumado a O e o Campauam a E, correndo este para o NO e aquele para o NE; depois de um curso de cerca de 30 kilometros, ambos confundem suas águas a 4 kilometros ao N da cidade, fechando-a em um vasto triangulo, cerca de 10 kilometros abaixo do Camapuam com seu tributário (o Brumado) fazem juhccio com o Paraopeba (CAMPOS, 1968, p. 804 e 805).

Entre Rios, conforme escreve Artur Campos, dividia-se em seis ruas regulares. A maior se estendia do Paço Municipal (FIG. 3) ao cemitério e tinha grande destaque, pois, era parcialmente calçada e maior, atualmente é identificada como Rua Dr. João Vaz.

Havia no município, duzentas e oito casas, entre elas, dez sobrados. Em sua maioria, edificações boas e conservadas. No início do povoamento conforme consta nas anotações de Artur Campos sobre as origens do município ao questionar um morador da região, descreve o seguinte:

Pessoa fidedigna e bastante conhecedora das cousas desta terra, o distinto Sr. Francisco de Paula d'Oliveira e Souza, a quem, na sua maior parte, é devido este trabalho, referio-me que seu pai major Gervasio Joaquim de Souza Pinto, lhe disse que quando o sogro dele, t.º c.^{el} Joaquim Pacheco da Silva Leão, em 1800, mudara-se do território de S. Braz de Suassuhy para esta localidade, constava ela apenas de vinte casas (CAMPOS, 1896, p. 801).

Essas casas em sua maioria só se abriam aos domingos, dias santos e festividades, quando os donos, que eram fazendeiros, iam com suas famílias. Podemos justificar a utilização dessas residências apenas nos finais de semana da seguinte forma:

Durante todo o período colonial e, em parte até os dias atuais, as tendências monocultoras de nosso mundo rural contribuíram para existência de uma permanente crise de abastecimento nas cidades. Assim sendo, as casas urbanas tentavam resolver em parte o problema, por meio de pomares, criação de aves e porcos ou do cultivo da mandioca e de um ou outro legume. Soluções satisfatórias eram porém conseguidas somente nas chácaras, as quais aliavam, a tais vantagens, as da presença de cursos d'água, substitutos eficientes para os equipamentos hidráulicos inexistentes nas moradas urbanas. Por tais razões, tornaram se as chácaras habitações características de pessoas abastadas, que utilizavam as casas urbanas em ocasiões especiais (REIS FILHO, 2011, pág. 30).

Tanto pessoas importantes, quanto os donos de comércios, acostumados ao convívio social em decorrência de suas atividades, davam um jeito de adquirir sítios ou chácaras, afastados dos povoados, tornando esses imóveis suas residências permanentes. No entanto, não podemos dizer que tal comportamento se associava ao afastamento das vilas, mas sim uma medida de conforto.

Dos edifícios públicos havia a antiga Casa de Câmara e Fórum (FIG. 4), estando à cadeia no primeiro pavimento e o fórum no segundo, o Paço Municipal considerado uma boa edificação, com acomodações suficientes para as repartições municipais e um pequeno teatro (CAMPOS, 1896, p. 801).



Figura 3: Paço Municipal de Entre Rios de Minas (antiga prefeitura).
Fonte: Cássia Miranda, 2017.



Figura 4: Antiga Câmara e Fórum de Entre Rios de Minas.
Fonte: Cláudio Cardoso (arquivo pessoal).

Sobre a instalação de escolas públicas, Dom Oscar escreve em seu livro *Terra Natal*:

O “Almanack da Província de Minas” de 1865 registra como professor de primeiras letras, no Brumado do Suaçuí, Francisco Xavier da Silva. Era ainda escola particular, pois foi em 1873 que pela Lei de n. 2029 se criou a primeira escola pública para o sexo masculino na freguesia do Brumado. Cerca de desde 1880 regia a primeira escola do sexo feminino a Professora D. Isabel Joaquina da Silva Guimarães (OLIVEIRA, 1973, p. 27).

Em 1896, a cidade possuía seis escolas primárias, três na sede e outras dispersas, sendo cinco masculinas e apenas uma feminina.

O abastecimento de água na região se fazia por duas máquinas hidráulicas, com três reservatórios que distribuía água em seis chafarizes, localizados em alguns pontos da cidade. O serviço teve um custo de cerca de 34:000\$000 (trinta e quatro conto de réis) aos cofres do município e ainda não havia sido concluído (CAMPOS, 1896, p. 801).

A base da economia era o cultivo de cana-de-açúcar, feijão, milho, arroz, mamona, café, mandioca e algodão, além da criação extensiva de gado que servia para o consumo e o restante era levado para os mercados de Ouro Preto, São João Del Rei, Barbacena e Rio de Janeiro. Não havia exploração de ouro nem qualquer outro metal, utilizava a argila para fabricação de telhas, tijolos e louça grossa (MARTINS, 1870, p. 92).

Por meio do Decreto-lei estadual, n.148 de 17 de dezembro de 1938, o município passou a chamar-se João Ribeiro. Em 1955 recebeu definitivamente o nome Entre Rios de Minas (OLIVEIRA, 1958, p. 44).

O município (FIG. 5) localiza-se na região do Alto Paraopeba e atualmente possui uma população em torno de 15.034 habitantes, dispersa pela cidade e subdistritos.

No que diz respeito ao cenário colonial da época de fundação da cidade, foi quase totalmente descaracterizado, com grandes perdas no decorrer dos anos, restando apenas alguns casarões (FIG. 6 e 7), fazendas coloniais e a Capela de Nossa Senhora da Lapa Olhos d'Água. Não se pode esquecer o antigo prédio do Hospital Cassiano Campolina (FIG. 8), edificado posteriormente aos primórdios do município, mas de grande relevância histórica e social para a cidade e também dos vestígios arqueológicos encontrados na região.



Figura 5: Localização do município de Entre Rios de Minas – MG.
Fonte: Revista CODAP, Maio 2010, p. 23.



Figura 6: Casarões no centro da cidade de Entre Rios de Minas – MG.
Fonte: Cássia Miranda, 2017.



Figura 7: Casarão na cidade de Entre Rios de Minas – MG.
Fonte: Cássia Miranda, 2017.

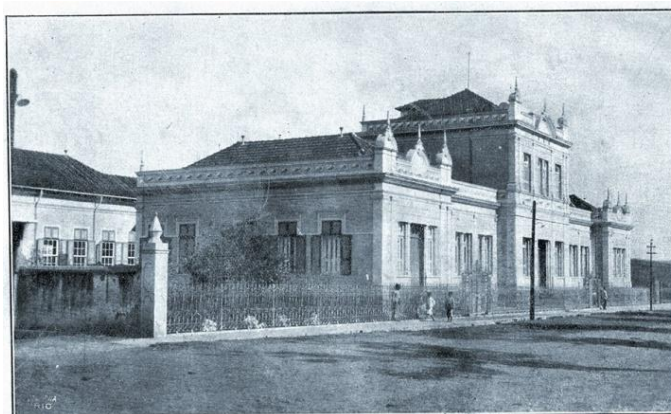


Figura 8: Hospital Cassiano Campolina.
Fonte: Cláudio Cardoso (arquivo pessoal).

2.2. Capela de N. S. da Lapa de Olhos d'Água

A capela de Nossa Senhora da Lapa está localizada na zona rural de Entre Rios de Minas - MG é tombada pelo município por seu valor histórico e artístico. O templo é reconhecido em especial pelos antigos moradores do distrito de Serra do Camapuã não apenas pelo valor histórico, mas afetivo. A devoção a N. S. da Lapa, bem como as festividades, casamentos, batizados e a existência de um antigo cemitério, são fatores que contribuem para que vários indivíduos e famílias mantenham vivo o interesse em preservá-la.

Ainda que a comunidade tenha estima e interesse na preservação do imóvel, o mesmo encontra-se em mau estado de conservação. No decorrer dos anos, diversas imagens e objetos litúrgicos foram roubados, inclusive a imagem da Santa Padroeira.

Como mencionado anteriormente o templo fica afastado do perímetro urbano, situado na comunidade de Olhos d'Água. Existem várias fontes a respeito da capela e a aplicação do nome "Olhos d'Água".

De acordo com uma pesquisa realizada pelo Museu da Liturgia (2011), o termo da Vila de São José compreendia em 1826, cerca de 23.937 habitantes e possuía nessa época, diversos arraiais cuja as igrejas nem sempre estavam sob a jurisdição da Paróquia de Santo Antônio. Prados era uma freguesia com bons rendimentos e tinha capelas filiadas em outros povoados, que politicamente pertenciam ao Termo de São José. Nesta mesma pesquisa há informações de que:

No início do século XIX, os arraiais sob a jurisdição da Câmara da Vila de São José, e que contribuía para ampliação de suas rendas, eram: Bichinho, Prados, Lagoa, Olhos D'Água, Lage, Passa Tempo, Japão, Cláudio, Oliveira, Santo Antônio do Amparo, Santana do Jacaré, Bom Jesus do Jacaré, Bom Jesus dos Perdões, São Bernardo, Bom Sucesso, São Tiago, Santa Rita, Córrego, São Sebastião e Padre Gaspar (MUSEU DA LITURGIA, 2011, p. 14).

O nome "Nossa Senhora da Lapa dos Olhos d'Água" está associado ao fato da capela pertencer ao distrito de Olhos d'Água, que na época apresentava rendimentos e um bom desenvolvimento e mais tarde entrou em decadência, tornando-se um pequeno povoado.

Esse povoado pertenceu à freguesia de Prados até 1832 e situava-se nas imediações de um dos principais caminhos que ligava São João Del Rei à Vila Rica (MENDES, 2009, p. 4). Existiam duas estradas que seguiam com destino a Vila Rica, uma designada "caminho velho" e a outra "caminho novo".

Olhos D'Água estaria nas proximidades do caminho novo que passava por Carandaí e seguia-se em direção à Lagoa Dourada, Camapuã (próximo de Olhos D'Água), Redondo (atualmente Alto Maranhão), Congonhas e Macabelo (MENDES, 2009, p. 4).

Os pequenos arraiais de origem colonial se desenvolviam em torno de uma pequena capela ou igreja. Em Olhos d'Água, não houve grande desenvolvimento e não obteve crescimento como as localidades vizinhas, Lagoa Dourada e São Brás do Suaçuí. Possuía uma pequena população distribuída em sítios e fazendas, que utilizavam a capela como referência de espaço e refúgio espiritual.

Existem várias fontes que mencionam a história do templo, mas há divergências em relação à época de sua construção. O levantamento histórico realizado por uma equipe técnica em 2009 traz depoimentos de alguns moradores da região onde está situado o templo, as informações e histórias sobre a capela circulam através da oralidade e são advindas de

várias fontes. Em uma delas, uma moradora menciona construção da capela por etapas que ela julga representar as fases da história regional.

Para Dona Lilia, como é conhecida Alice Miranda, cada uma destas etapas representaria uma época da história regional; a primeira refere-se ao “tempo de guerra” quando os portugueses enfrentavam os aguerridos índios cataguás, a segunda seria o “tempo de paz”, quando os colonizadores dominaram a região e estabeleceram caminhos para “tomar dimensão em toda Minas Gerais”, finalmente, veio o “tempo de fé”, que refere-se tanto ao catolicismo fervoroso dos colonizadores como ao sucesso de seu empreendimento de exploração mineral (MENDES, 2009, p. 6)

Essas informações foram apuradas ao longo dos anos, oriundas de diversas fontes e são retransmitidas pela moradora e pela população local. No caso de uma descrição da trajetória da capela essas informações deveriam ser analisadas com maior profundidade, o ideal seria a realização de um trabalho de prospecção das técnicas construtivas empregadas na edificação do templo.

Como sabemos, nunca foi feito estudo como maior profundidade sobre sua origem e construção. Informalmente circulam informações de reformas que foram realizadas no imóvel no decorrer dos anos, o Dossiê de Tombamento da Capela realizado pela prefeitura municipal de Entre Rios de Minas e a matéria da revista Gazeta Mineira revelam e afirmam esse processo de construção em duas etapas.³ Essas informações confirmam a versão de outro morador entrevistado pelo historiador Bruno Mendes, José Antônio da Costa, que na época estava com 93 anos.

Segundo ele, no início da década de 1930, foi realizada uma reforma na qual foram “descascadas” todas as paredes externas da capela. Durante esses trabalhos, foi constatado que o aspecto visual das pedras utilizadas na capela-mor era diferente do restante das pedras utilizadas no templo. Esse informante menciona também que, durante essa reforma, foram encontrados alguns fragmentos de paredes feitas de “barro e pau” (MENDES, 2009, p. 7).

O historiador ressalta ainda de acordo com a narração de Sr. José que os moradores mais antigos mencionavam a existência de um documento que comprovava a inauguração da capela em 1738. O nome da capela estaria associado ao fato do templo ter sido edificado com lapas extraídas de dois cursos d’água que passam pela região, intitulados “córrego Rua do Fogo” e “córrego João do Congo”.⁴ Há relatos também de que dentro da

³ Duas etapas, porque normalmente primeiro se constrói a capela-mor e depois os demais cômodos.

⁴ Essa hipótese pode ser descartada, mais adiante serão apresentadas informações referentes à origem do culto.

capela eram guardados livros sobre sua história, tais livros foram queimados em determinado momento do passado (MENDES, 2009, p. 8).

Esses relatos são importantes para o conhecimento da relação da comunidade e a capela em si, e o que templo representa na vida dessas pessoas, mas não comprovam nada. É preciso um estudo aprofundado sobre o templo.

Na busca por informações e documentos sobre a origem da capela nos deparamos como uma carta de sesmaria concedida por Gomes Freire de Andrade a Manoel de Moraes Coutinho em 1738, na qual este senhor aparece como proprietário de um Sítio de nome Capela da Senhora da Lapa.

O documento relata a localização do sítio junto a Lagoa Dourada, onde o proprietário possuía casa, plantações e uma capela, a qual ele pagava um capelão para ministrar e satisfazer os sacramentos a população daquele distrito. Coutinho teria adquirido a sesmaria mediante a compra das terras de Themoteo de Oliveira e de acordo com o documento os limites da propriedade estendiam-se da seguinte forma:

Meya legoa fazendo pião ao rancho dos passageiros q' tem junto a mesma Cappella, a partir de hua' parte com terras de Joze da S.^a Costa Fran.^{co} de Olivr.^a Costa p.^a a estrada e Serra da Camapoam, e da outra com o Citio chamado do Olho de Agoa, e terras de Agost.^o José de Az.^{do}, e M.^{el} Roiz. Crasto... (CARTAS, 1900, p. 256).

Ao que tudo indica a capela de N. S. Lapa citada na sesmaria pode ser o nosso objeto de estudo. Dessa forma fica claro que em 1738 o templo já havia sido edificado e o responsável por sua construção foi Manuel de Moraes Coutinho. Sobre Coutinho podemos dizer:

Era filho de Antônio de Moraes e Ana de Carvalho, sendo natural da freguesia de São Sebastião da Vila de Toiro, bispado de Lamego, Portugal. Casado pela primeira vez com Margarida Rodrigues, que foi sepultada na capela de Olhos d'água em 1737, Manuel Coutinho teve uma filha chamada Felipa que se casou na capela de Olhos D'água em 1739. Posteriormente, ele teve mais quatro filhos, um enquanto era viúvo e outros três após se casar com Ana Nunes da Costa (MENDES, 2009, p. 9).

Essas informações foram encontradas pelo historiador Bruno Mendes no arquivo histórico do escritório do IPHAN em São João Del Rei e são referentes ao inventário dos bens de Manuel de Moraes Coutinho. No mesmo documento há registros do ano de seu falecimento (1777). Manuel era proprietário de muitos bens dentre eles, duas fazendas com terras em litígio, “São Simão” ao pé do Rio de São Francisco e “Cataguases” localizada em Olhos d'Água.

É muito provável que a fazenda “Cataguases dos Olhos d’Água” pode ter sido formada pelas terras mencionadas na sesmaria de Coutinho em 1738. Mendes (2009) lembra que no livro *Memória Histórica de Prados* de autoria de Dário Vale, há relatos de pesquisas realizadas em acervos paroquiais e documentos mais antigos de Prados. O levantamento de dados trouxe a tona, informações sobre antigos sítios que existiram na região de Prados, podemos incluir:

(...) Fazenda Olhos D’Água, 1 légua de terras, em 1722, da propriedade de Manoel de Moraes Coutinho (VALE, 1985, p. 18 apud. MENDES, 2009, p. 9).

No mesmo livro consta que entre 1727 e 1734, o padre Antônio de Almeida Vasconcelos era o capelão que atendia em Olhos d’Água, o autor teve como referência para tal informação os documentos eclesiásticos da Paróquia de Prados (MENDES, 2009, p. 9). Baseando nessa descrição podemos considerar que o templo já existia antes de Gomes Freire conceder a sesmaria a Manoel.

Podemos reforçar essa hipótese por meio do relato de Dom Frei José da Santíssima Trindade, em “Visitas Pastorais” (1821 - 1825), presente em estudo realizado por Ronald Polito de Oliveira e Arnaldo Coelho de Aguiar Lima, que traz a seguinte informação:

Segundo relatório paroquial relativo ao ano de 1829, a capela foi erigida por provisão episcopal de 1733, recebendo bênção em outubro de 1770. Em registro documental de 1834, aparece como capela curada da freguesia de Lagoa Dourada (OLIVEIRA; LIMA, 1998, p. 375).

Mendes (2009) afirma que, de acordo com inventário de Manoel Coutinho, em 1730 já eram ministrados todos os sacramentos na capela, contendo também informações referentes ao sepultamento de sua esposa registrado em 1737 e a celebração matrimonial de sua filha em 1739.

Nesta mesma época, de acordo com dados levantados pelo historiador Dário Vale, a capela era atendida por dois párocos, Manoel Antônio Teixeira de Miranda Bahia e Caetano Mendes de Proença (MENDES, 2009, p. 10). O mesmo autor afirma que em 22 de fevereiro de 1754 foi feito o registro para concessão de Pia Batismal à Capela de Olhos d’água, filial da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Prados (VALE, 1985, p. 133 apud. MENDES, 2009, p. 10).

Estando a capela na estrada de Serra do Camapuã, caminho utilizado por viajantes, encontramos o relato de um deles sobre os aspectos culturais e a vida cotidiana dos moradores da comunidade de Olhos d’Água, o qual diz o seguinte:

Descansamos em um rancho, onde as mulheres estavam fiando em uma velha roca o algodão que crescia diante de suas portas; é um passatempo generalizado em Minas, como na antiga França. Depois de nos refazermos, com laranjas e bananas, seguimos viagem, e avistamos, mergulhada em um profundo e romântico vale, uma fazenda de propriedade do Padre Francisco Ferreira da Fonseca. Era uma vivenda encantadora, encoberta pelos morros e embelezada pelos salgueiros, palmeiras e araucárias. A paineira crescia, imponente, com seu tronco ligeiramente protuberante, afilando-se no alto, e armado de espinhos fortes, afiados e recurvados, sobre os quais ninguém pode passar, a não ser as Amazonas do Daomé. As grandes folhas são palmadas e as flores em profusão, cor-de-rosa e brancas, rivalizam com as mais belas tulipas; estas produzem logo frutos com sementes providas de tufo de pêlos, a chamada paina, muito útil, mas ainda não utilizada. Ao lado da estrada havia uma capelinha consagrada a Nossa Senhora da Lapa, e, em frente dela, uma esplêndida gameleira, pirâmide de verde e refrescante sombra, rivalizando com o sicômoro de Halmalah, ou as figueiras selvagens que adornam a fronteira oriental do selvagem Ugogo (BURTON, 2001, p. 202).

O que nos chama atenção nesse relato é que ele menciona uma Fazenda de propriedade de um padre, onde também havia uma capela dedicada a N. S. da Lapa. Essa habitação era conhecida como “Fazenda dos Olhos d’Água” e ficava a alguns quilômetros do templo. O proprietário Pe. Francisco Ferreira da Fonseca era filho do alferes Damaso Ferreira da Fonseca, que em 1830 era um dos maiores senhores de terra na região onde a edificação está localizada.

Nessa época, Pe. Gonçalo Ferreira da Fonseca (irmão de Damaso) (FIG. 9) era encarregado dos cuidados e manutenção da capela. Após o falecimento de seu irmão (1833), se tornou patrono do templo e responsável pela tutela de seus sobrinhos. Gonçalo tinha grandes influências políticas e religiosas na região de Camapuã e era também responsável pela administração da fazenda (MENDES, 2009, p. 14).



Figura 9: Retrato do Pe. Gonçalo Ferreira (ficava exposto na sacristia da Capela de N. S. da Lapa).
Fonte: Bruno Mendes, 2008.

De acordo com Oliveira, a fazenda era de propriedade do Pe. Gonçalo Ferreira, e Francisco Ferreira, seu herdeiro. O mesmo autor menciona que no Livro de Testamento da Paróquia de N. S. da Brotas, há um documento datado de 09 de janeiro de 1857, onde foi encontrada a seguinte informação:

Eu, Pe. Gonçalo Ferreira da Fonseca, filho leg. do Cap. João Ferreira da Fonseca e D. Anna Jacinta da Conceição, já falecidos, da Freguesia de Prados e hoje Brumado, Termo de Queluz. Nomeio por meus testamenteiros, em 1º lugar, o meo afilhado e sobrinho Francisco Ferreira da Fonseca, que se acha no seminário em Mariana em pretensão de ordenar-se (OLIVEIRA, 1958, p. 48).

Nesse registro Gonçalo manifesta o desejo de ter como um de seus herdeiros o sobrinho Francisco Ferreira, mas não há informações dos bens herdados, portanto, não seria possível dizer que se trata exatamente da fazenda.

Ambos tiveram forte atuação na capela como padres e responsáveis por sua manutenção. Os antigos moradores do distrito associam a construção do templo a esta Fazenda de Padre Francisco, será que de fato existiam duas fazendas nas proximidades da mesma?

A denominação “Olhos d’Água” estaria associada a minas de água, conforme relatos dos moradores da localidade. Dessa forma, as fazendas foram assim nomeadas, por possuírem fontes de água que escoavam no subsolo, conforme Mendes (2009, p. 15) “Para esse depoente, uma das fazendas estaria bem próxima da capela e a outra nas imediações do local que hoje é conhecido como “Rua do Fogo” ”.

O mapa abaixo mostra a existência de dois locais denominados Olhos d’Água:

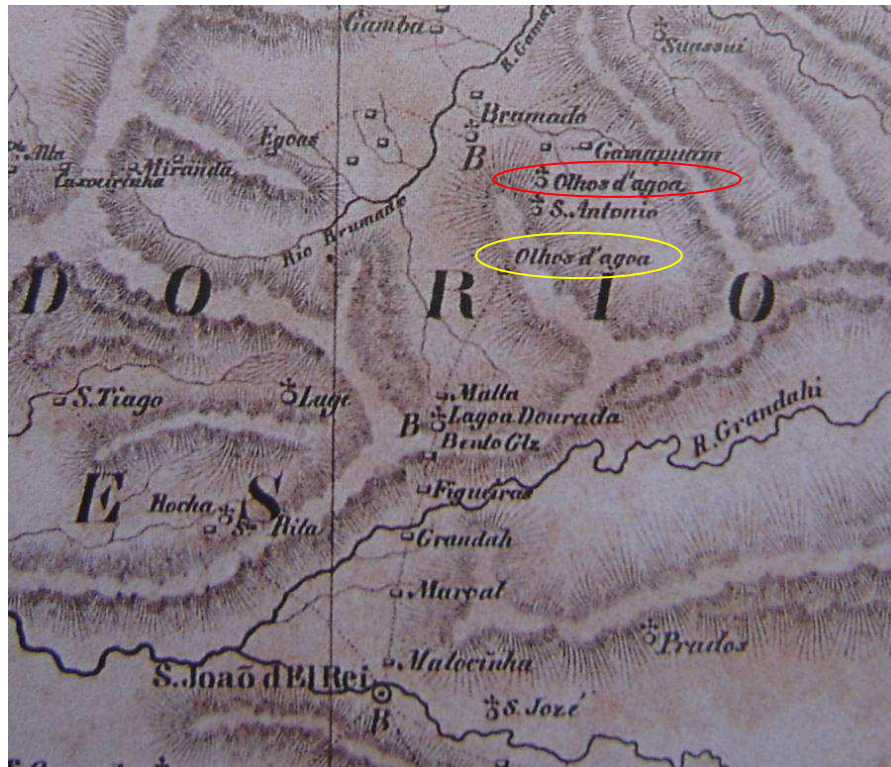


Figura 10: Fragmento da Nova Carta da Capitania de Minas Gerais (1821).
 Fonte: COSTA, Antônio Gilberto e Outros. Cartografia das Minas Gerais: da capitania à província. BH. Ed. UFMG, 2002 apud. MENDES, 2009, p. 15.

Assim a capela estaria localizada no ponto marcado em vermelho, local mais próximo de Camapuã e Brumado (atual Entre Rios de Minas) e o outro ponto marcado de amarelo pode ser o distrito de Olhos d'Água que pertence ao município de Coronel Xavier Chaves. Causa estranheza a existência de dois locais com o mesmo nome e tão próximos um do outro.

A existência de duas fazendas com o mesmo nome tornou o assunto bastante confuso, para maiores esclarecimentos será necessária uma pesquisa mais aprofundada na região.

De imediato podemos dizer que Manoel de Morais Coutinho foi o responsável pela construção e manutenção da capela e já no século XX essa tarefa ficou a cargo da família Ferreira da Fonseca que residia em uma fazenda (FIG. 11) com sede próxima ao templo. Sobre esta última fazenda de acordo com informações dos moradores, foi consumida pelo fogo restando apenas vestígios arqueológicos.



Figura 11: Antiga sede da Fazenda de Pe. Francisco.

Fonte: Prefeitura Municipal de Entre Rios de Minas (Dossiê de tombamento da Capela).

2.3. Invocação a Nossa Senhora da Lapa

Em fins do século X o estimado Almansor do califa de Córdoba, invadiu a Espanha, causando morte e destruição por onde passava. Na segunda invasão ocorrida na (Lusitânia), o líder mulçumano saiu de Córdoba em julho de 997 em direção a Galiza, invadiu e saqueou Santiago de Compostela e ao retornar passou por Lamego e em seguida foi para Aguiar da Beira a caminho de Viseu (COSTA, 2000, p. 17).

Entre os atos violentos por ele ordenados, consta a destruição do mosteiro das monjas beneditinas de Arcas de Sever e algumas foram sacrificadas a golpes de espada, porém, um pequeno grupo conseguiu escapar da fúria devastadora, levando consigo uma imagem de Nossa Senhora, pela qual tinham grande adoração. Percorreram as matas e penedos da Serra da Lapa conseguindo alcançar as nascentes do Rio Vouga, onde encontraram uma gruta que lhes serviu de abrigo, a mesma era protegida por uma enorme rocha.

O fato é que as monjas deixaram a imagem escondida naquela rocha, quiçá na esperança de algum dia poder levá-la novamente para o Convento, porém, esse dia durou séculos restando apenas à lenda de uma fuga repentina das monjas.

Nos séculos XI e XII, graças ao esforço, primeiro de Fernando Magno e depois de D. Afonso Henriques, as terras de Entre Douro e Mondego voltam definitivamente ao domínio cristão. Apesar disso, decorreriam ainda mais de três séculos antes que se descobrisse o paradeiro da desaparecida imagem. Porque continuaria ela oculta na solidão da gruta desabrida, agora que podia manifestar-se sem perigo de ultraje de infieis (COSTA, 2000, p. 18)?

De acordo com a lenda, uma garota surda e muda de nascença encontrou uma imagem de Nossa Senhora enquanto cuidava de seu rebanho nos arredores do povoado de Quintela.⁵

O culto a Senhora da Lapa remete-se ao século XV, naquela época a Lapa era um local deserto com ampla área de rochas encimadas por um grande rochedo e nas imediações, abundantes pastagens para os animais. Atualmente podemos descrever a Lapa da seguinte forma:

Lapa, é uma aldeia situada na serra do mesmo nome, na freguesia de Quintela, conselho de Sernancelhe, diocese de Lamego, distrito de Viseu. Actualmente com boas vias de acesso, dista 11 quilómetros de Sernancelhe, 9 de Aguiar da Beira, 45 de Viseu e 50 de Lamego. Aqui nasce o Rio Vouga que vai desaguar a Aveiro. Aqui tem origem o culto de Nossa Senhora da Lapa, hoje difundido pelo mundo (AMORIM, 2015, p. 3).

Em 1576, a Lapa foi confiada aos jesuítas, os mesmos perceberam a afluência de peregrinos em um local desprovido de conforto e comodidade e deram início a construção de uma casa para servir de residência aos sacerdotes que atendiam inúmeros fiéis.

Também foram responsáveis pela construção do atual Santuário que substituiu a antiga Capela, porém, manteve-se a gruta dentro do Santuário garantido sua originalidade.

A construção do Santuário iniciou no século XVI e os acabamentos no século XVII. Deste templo, espalhou-se a devoção para os mais diversificados lugares do país e do mundo, inclusive Índia e Brasil. O culto teve fácil expansão, devido à atividade missionária exercida pelos mesmos jesuítas, os quais eram responsáveis pela igreja.

Os templos dedicados a Senhora da Lapa em Portugal e Santiago de Compostela em determinada época foram os mais importantes da Península Ibérica.

⁵ A lenda narra à história da menina Joana que guardava o seu rebanho próximo à nascente do Rio Vouga e ao entrar em uma gruta formada pelas empenas de dois rochedos avistou uma imagem.

Surpresa com o encontrou e muito contente, limpou a imagem e improvisou um altar o qual enfeitou com algumas flores. Em segredo, a menina levava o seu rebanho todos os dias para aquele local, dedicando parte do seu tempo a Virgem.

Quando o ocorrido veio à tona, a mãe a obrigou a levar os animais para outras pastagens e Joana passou a carregar a imagem dentro de um cestinho. Certo dia, a mãe muito irritada, ao vê-la perder tempo com algo que ela acreditava ser uma boneca, arrancou das mãos da menina e arremessou em uma fogueira. Nesse momento, a filha que era muda disse: Tá! Minha mãe! É Nossa Senhora da Lapa! Ai que fez? Rapidamente a garota atirou-se nas chamas e retirou a imagem.

A mãe espantada ao ouvir a voz de sua filha ficou muito alegre e muito assustada, pois ao lançar a imagem ao fogo sua mão ficou paralisada. Mãe e filha se ajoelharam diante da imagem e pediram perdão pela ofensa, dessa forma o braço da mãe voltou a se movimentar.

O ocorrido espalhou-se pela aldeia onde viviam e a imagem foi conduzida em procissão até a igreja paroquial. No dia seguinte, a mesma havia desaparecido e reencontrada na gruta, o fato ocorreu mais de uma vez e foi considerado como um sinal de que a Virgem deveria ser venerada no local onde foi encontrada. Consultar COSTA, M. Gonçalves da. História do Santuário da Lapa, pág. 18 e 19.

2.3.1. Os jesuítas a expansão do culto a Nossa Senhora da Lapa

Em 1534, Inácio de Loyola fundou a Companhia de Jesus com o principal objetivo de combater o protestantismo através do ensino religioso e a atuação das reformas que preocupava a Igreja Católica.

Os padres jesuítas tiveram importante papel na Reforma Católica, pois, era deles a responsabilidade de catequizar os povos e nações inteiras. A Companhia de Jesus passa a tomar conta da Lapa.

A pedido dos padres da Companhia de Jesus, D. Sebastião uniu a abadia da Rua, com as 5 igrejas anexas, ao colégio que os mesmos religiosos haviam aberto em Coimbra, união confirmada por breve de Gregório XIII, de 17 de setembro de 1575, executado pelo vigário geral da diocese de Coimbra. Por seu lado, o corregedor de Lamego recebeu o encargo de meter os jesuítas em posse dessas paróquias, com todos os bens e direitos que lhes pertenciam, fazendo-se o novo senhorio representar no acto pelo procurador P.^o Antônio Gonçalves. Por virtude desses actos legais, os padres da Companhia de Jesus ficavam de posse do padroado da colegiada de S. Paio da Rua, incluído, portanto, o lugar da Lapa e o direito de apresentação do cura de Quintela (COSTA, 2000, p. 21 e 22).

Os jesuítas mantiveram-se no padroado de Nossa Senhora da Lapa por 184 anos, a dedicação, o amor e o zelo desses padres, fez com que o culto a Senhora da Lapa fosse difundido não somente na região de Portugal como em outras localidades e países.

O número de devotos aumentava em decorrência dos jubileus que ocorriam em grande escala, nas Beiras, Douro, Trás-os-Montes e Minho.

Tamanha importância teve os padres da Companhia de Jesus na disseminação do culto que, através de suas assistências religiosas, pregações e escritos contribuíram para a divulgação do Santuário da Lapa nas províncias de Portugal, Espanha, Brasil e Índia, conforme relatos de graças conferidas à mãe de Deus e também dos templos edificadas em sua honra em muitos lugares distantes.

A partir do século XVI muitos devotos acrescentavam no nome de batismo o apelido Lapa, que posteriormente passou a fazer parte do nome. As madrinhas colocavam em suas afilhadas o nome Maria da Lapa, assim como hoje encontramos os nomes Maria de Lourdes, Maria de Fátima, Maria da Conceição, etc.

Pode-se afirmar que nas regiões onde há templos dedicados a Nossa Senhora da Lapa, a origem está ligada direta ou indiretamente ao primeiro Santuário erigido na diocese de Lamego.

O Santuário de Nossa Senhora da Lapa é muito famoso não somente nas adjacências como em todo o Reino de Portugal, portanto, é possível encontrar o culto em várias localidades, salientamos algumas:

Braga onde existem três lugares dedicados a este Título: a Capela e Confraria na cidade de Primaz, o Santuário da Lapinha no arceprelado de Guimarães e a paróquia de Nossa Senhora da Lapa na Póvoa de Varzim; Porto onde, além existe uma majestosa igreja, a “Venerável Confraria de Nossa Senhora da Lapa” e a escola do mesmo nome que a confraria fundou; Lisboa onde, existe uma paróquia dedicada a Nossa Senhora da Lapa, com a Basílica da Estrela; Amadora, Cartaxo; muitas outras capelas em vários pontos de Portugal, especialmente no Minho (AMORIM, 2015, p. 15).

O culto da Senhora da Lapa alastrou-se rapidamente a princípio em Beiras, Douro, Trás-os-Montes, Minho e posteriormente em Portugal, Espanha, Brasil e Índia. A devoção chegou também em Goa, Santiago do Chile, Meliapor, Macau e São Francisco da Califórnia, no Brasil alguns lugares ganham destaque.

Rio de Janeiro, a cidade de S. Paulo, onde existe também, o Bairro da Lapa, Belo Horizonte e S. Salvador da Bahia. No Estado da Bahia há um grande Santuário dedicado ao Bom Jesus da Lapa, que é o menino venerado no altar mais antigo do Santuário da Lapa da diocese de Lamego. Aquele mesmo Santuário da Bahia deu, por sua vez, origem a uma cidade e a uma diocese com o nome de Bom Jesus da Lapa (AMORIM, 2015, p. 15).

Por muitos motivos as pessoas recorrem a Senhora da Lapa, durante cinco séculos ocorreram vários testemunhos de milagres e graças atribuídos a Santa e sua invocação certamente é considerada a cura de todos os males.

Muitos desses testemunhos ficaram registrados em ex-votos, os quais podem ser encontrados no Santuário da Lapa em Sernancelhe, o local se tornou um dos maiores centros de peregrinação.

2.3.2 Nossa Senhora da Lapa de Antônio Pereira, Ouro Preto - MG

O culto a Nossa Senhora da Lapa está diretamente ligado a gruta e não é muito comum no Brasil. Em Minas Gerais, o templo mais conhecido está localizado em Antônio Pereira, distrito de Ouro Preto e no que diz respeito a sua origem, podem ser encontradas diversas versões, Bohrer faz a seguinte colocação:

A tradição mais antiga narra a história de um menino-tropeiro que por volta de 1757 saiu pelos arredores à procura de um burrinho desgarrado. No caminho, acabou por topor com um coelho, muito alvo, que se pôs a correr perseguido pelo menino. O roedor se escondeu na fenda de uma rocha, que o tropeirinho logo constatou ser a abertura para uma imensa gruta natural. Ao penetrar na caverna, deparou-se com a

imagem misteriosa de uma senhora envolta por estranha luz, cuja visão logo se desfez. Retornou o menino ao arraial, narrando o fato (BOHRER, 2011, p. 119 e 120).

De acordo com levantamento histórico realizado pelo autor, outras crianças presenciaram o mesmo acontecimento ou algo semelhante, logo curas e milagres passaram a ocorrer por intermédio da Virgem da Lapa. Anos depois os moradores do distrito, substituíram a velha igreja queimada em um incêndio pela gruta de Nossa Senhora da Lapa.

A gruta (FIG. 12) era de grande importância na vida das pessoas daquela região, tamanha importância fez com que o *Livro de Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa* fosse ornamento por Manoel da Costa Ataíde, em 1810.

Sua estrutura (FIG. 13) é composta pelo altar, pias, coro, púlpito e salões naturais. No mês de agosto ocorrem as festividades em honra a Nossa Senhora da Lapa, sendo o dia 15 dedicado a Santa, tornando a gruta um espaço pequeno em meio a tantos devotos, agraciados e em busca de milagres.

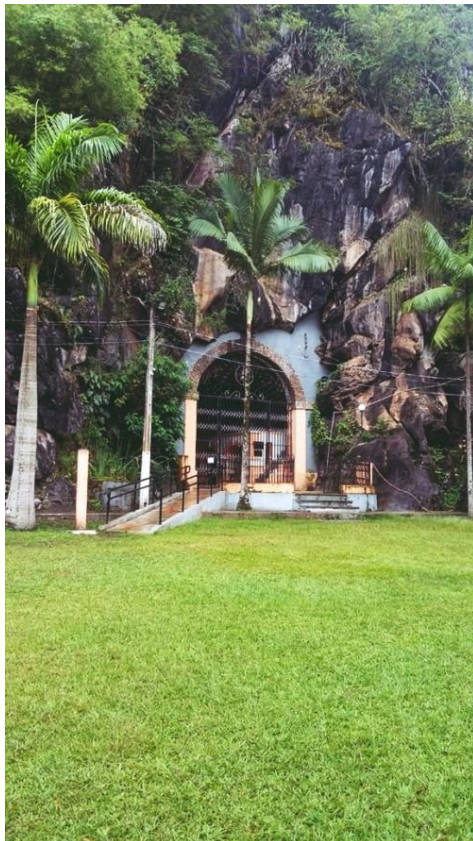


Figura 12: Gruta de N. S. da Lapa,
Antônio Pereira.
Fonte: Geraldo Queiroz, 2019.



Figura 13: Interior da gruta.
Fonte: Geraldo Queiroz, 2019.

CAPÍTULO II

CONTEXTUALIZAÇÃO CAPELAS PRIMITIVAS E DESCRIÇÃO ARQUITETÔNICA DA CAPELA DE N. S. DA LAPA

3.1. Contextualização das capelas primitivas

A arquitetura religiosa que surgiu em Minas nos primórdios do século XVIII resume-se em pequenas capelinhas simples e edificadas com materiais provisórios e precários, em geral, a madeira e o barro, essas capelinhas iam se espalhando ao longo dos caminhos que davam acesso às áreas de mineração, bem como próximas de riachos onde eram instaladas às lavras de ouro. De acordo com Mello (1985, p. 130 e 131) “surgiram primitivamente às chamadas “igrejas de palha, feitas com barro e cobertura vegetal” que eram muito sumárias e de pouca dura como diziam, então, os padres”

A princípio, essas capelas eram formadas por um único cômodo, que funcionava como nave, possuindo apenas um simples altar, onde ficava o santo padroeiro de maior devoção das pessoas que haviam se instalado nas proximidades do templo. Em caso de maior afluência de fiéis durante as cerimônias e eventos religiosos, os mesmos ficavam do lado de fora (MELLO, 1985, p. 131).

Tão pequenas, que seria mais adequada sua utilização como passos. Os passos são pequenas capelas que são abertas uma vez por ano durante as festividades da Semana Santa, para a procissão. Conforme explica Mello:

Essas construções iniciais, extremamente singelas e que foram adotadas para os "Passos" da Semana Santa, posteriormente enriquecidas com detalhes decorativos de maior requinte, tiveram sua evolução naturalmente condicionada pela estabilização dos povoados e pelo seu conseqüente desenvolvimento comercial. (MELLO, 1985, p. 131 e 132).

Dessa forma destacamos a continuidade e o surgimento de partidos arquitetônicos, que tanto nas soluções aplicadas no risco das plantas quanto nas fachadas, iriam estabelecer os padrões básicos das edificações religiosas em Minas. Como afirma Bohrer:

A capitania de Minas Gerais surgiu dentro do contexto político e religioso pós-Trento. A construção das nossas primeiras capelas foi impulsionada pela descoberta das ricas jazidas auríferas (especialmente nas comarcas de Vila Rica, do Rio das Mortes e do Rio das Velhas) e posteriormente de diamantes (no Distrito Diamantino) (BOHRER, 2015, p. 29).

A partir daí, o primeiro modelo foi o que ampliou a área destinada aos fiéis e agregou outro cômodo (sacristia), indispensável ao seu funcionamento. As áreas ficam

definidas da seguinte forma, a nave destinada aos fiéis, à capela-mor ao culto e onde encontramos o altar-mor e a sacristia ocupando um lugar ao lado ou atrás da capela-mor, o que de essencial encontramos nos templos mineiros.

A planta é simples, notamos que há preferência pela colocação de sacristia na lateral da capela-mor. De fato, é interessante, pois, matem a principal característica que é a simplicidade e elimina um corredor fundamental em casos de sacristias localizadas nos fundos.

Esse partido foi adotado em Minas e em outras regiões do Brasil e é de origem portuguesa. São incorporados outros elementos que unidos completam a planta, são eles o coro situado na entrada da nave cujo acesso é feito por uma escada de madeira, normalmente situada no lado direito de quem entra (epístola). Aproximadamente no meio da nave encontramos o púlpito, em alguns casos, é possível ter um em cada lado, utilizados para leitura de textos e pregação, o acesso é feito através de escadas portáteis ou fixas.

O arco cruzeiro faz a separação entre a nave e a capela-mor e marca a passagem para o presbitério, comumente a área mais elevada onde se localiza o altar-mor. Nessa área encontramos uma abertura para a sacristia, cômodo com dimensões variadas sem muito exagero utilizado para guardar objetos litúrgicos. Encontramos ainda um depósito normalmente onde são guardados andores, estandartes e demais objetos utilizados em procissões, bem como uma escadinha de acesso ao camarim, parte superior onde fica exposto o Santíssimo para adoração dos fiéis ou a imagem do Santo Padroeiro. Sobre esse partido arquitetônico Mello ressalta:

A esse partido simples correspondeu uma volumetria igualmente singela que, no entanto, “guarda ainda, na sua pobreza e humildade quase indigência certo sabor primitivo e ingênuo, que é grande parte do seu encanto” (MELLO, 1985, p. 133).

Com isso percebemos que a planta é de fácil compreensão, apresentando a nave mais alta, seguida da capela-mor com pé direito mais baixo que da nave, ambas possuindo cobertura de duas águas, a sacristia com cobertura ainda mais baixa que restante o da edificação, dada como um “puxadinho” com cobertura de meia água, Mello lembra ainda que são encontrados casos de aproveitamento da cobertura da nave para a capela-mor, ou seja, uma única cobertura de duas águas.

A fachada apresenta simples solução, uma única porta com duas janelas acima destinadas à entrada de luz no coro, as laterais arrematadas pelos cunhais que fazem a delimitação da edificação e do frontão (parte superior da igreja), com formato triangular tradicional em empenas. Havia ainda algumas variações que resultavam no uso de cimalthas e

de outras técnicas construtivas (exceto pedra) que necessitavam a colocação de esteios intermediários de madeira (no caso das construções de pau-a-pique). Sobre as três aberturas mencionadas anteriormente Mello faz a seguinte colocação:

A porta principal da nave e as duas portas-sacadas (ou janelas) do coro, dispostas em forma de triângulo com o vértice para baixo adotadas logo de começo na maioria das capelas das Minas, nasce o partido que viria a tornar-se típico do frontispício do templo mineiro e que só ocasionalmente seria também encontrado (mas sem formar regra), noutras regiões do país (MELLO, 1985, p. 134).

A autora destacada ainda, baseada em informações de outros estudiosos a semelhança dessas fachadas com as de capelas e ermidas românicas, na Extremadura, na Beira-Alta e nas regiões do norte de Portugal. Podendo ter sido adotadas em Minas, porém, com características próprias e adaptadas as condições locais (MELLO, 1985, p. 134).

A arquitetura produzida na região de Minas no século XVIII teve como base, fontes europeias, principalmente portuguesas e passou por dois momentos. O primeiro correspondente a fase da civilização europeia, ou seja, a época das primitivas capelas, cujo partido arquitetônico baseado no modelo português, em Minas se difere nas mais variadas soluções dentre elas a colocação de sinos.

Nas capelas onde há ausência das torres os sinos podem ser vistos em diversas formas, inseridos nas janelas das fachadas ou nas laterais, em anexos, em construções rústicas de madeira com pequeno telhado improvisado como ocorre na Capela de Santana em Mariana – MG (FIG. 14) e também no nosso estudo de caso, essas são as mais comuns.

Essas capelas com ausência de torres sineiras são correspondentes aos povoamentos iniciais que se tornaram estáveis em decorrência da fartura do ouro, que fora distribuído em todo o território inicialmente desbravado e que há princípio foram erguidas com materiais precários, e mais tarde foram reconstruídas empregando técnicas que garantiam maior solidez. No entanto, manteve-se o partido arquitetônico e as características das fachadas, sendo usados pelas irmandades de menor poder econômico (MELLO, 1985, p. 134 e 135).

Existem ainda três tipos, as capelas com torre única posicionada no centro, as de torre única isolada (campanário), um exemplar mais conhecido é a Capela do Padre Faria em Ouro Preto – MG (FIG. 15) e as capelas do tipo litorâneo, onde observamos uma torre única inserida na lateral. Este último exemplo pode ser encontrado nas regiões de Diamantina e São João Del Rei.



Figura 14: Capela de Santana, Mariana – MG.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.



Figura 15: Capela do Padre Faria, Ouro Preto – MG.
Fonte: Cássia Miranda, 2018.

Essas soluções, que, sofrem grandes variações, são características da região de Minas e não se assemelham aos templos encontrados nas áreas litorâneas do Brasil, onde prevaleceram às tradicionais capelas urbanas portuguesas com torre única na lateral formando o corpo juntamente com o frontispício, como afirma Oliveira.

Estas soluções parecem ter raízes no vasto *substratum* cultural da arquitetura portuguesa rural, que apresenta também um panorama extremamente variado destas modestas construções religiosas, de formas elementares, mas de um perfeito utilitarismo, estreitamente ligados as condições naturais das regiões onde se situam (OLIVEIRA, 1989, p. 122).

Essa variedade e originalidade de modelos encontrados pode ser compreendida e associada a diversidade de origens de imigrantes, portugueses e de outras áreas brasileiras que

vieram para Minas Gerais atraídos pela febre do ouro. Também certamente pela falta de mão-de-obra qualificada e ausência de fontes que pudessem servir como exemplo, nessa primeira fase, em que havia dificuldades de comunicação entre as vilas costeiras e a metrópole (OLIVEIRA, 2003, p. 214).

Naquela época era muito comum uma capela se transformar em matriz caso o arraial prosperasse e com o desenvolvimento e o crescimento desses pequenos núcleos urbanos e a criação das vilas, surgiram às matrizes.

Amplos edifícios de planta retangular com corredores e tribunas, sacristia transversal nos fundos e torres de seção quadrada nas fachas, repetindo o partido que caracterizava esse tipo de construção nas vilas litorâneas desde o século XVII (OLIVEIRA, 2003, p. 214).

Em Minas essas igrejas possuem uma aparência característica e própria da região, resultante do uso de pau-a-pique e da taipa que substituem a alvenaria de pedra, esteios e vigas pintadas em cores vivas nas fachadas caiadas de branco e coberturas das torres com telhados que apresentam curvatura a moda chinesa.

Em meados do século VXIII, a incorporação de técnicas construtivas e ornamentações baseadas no uso da pedra como método construtivo possibilitou a implantação de partidos arquitetônicos curvilíneos, assumindo a partir de 1760 traçados sinuosos característicos do estilo rococó, com decorações adjuntas ao mesmo gosto.

3.2. Descrição arquitetônica da Capela de N. S. da Lapa

A arquitetura da capela de Olhos d'Água, está diretamente ligada às técnicas construtivas aplicadas no período colonial, onde os materiais utilizados para a construção era barro, pedra, madeira e cal, podendo sofrer variações de acordo com cada região. É formada pela nave, capela-mor (separadas pelo arco cruzeiro), sacristia, púlpito e o coro.

A capela possui paredes e fundações construídas em alvenaria de pedra. Essas pedras foram revestidas com argamassa composta por areia e cal. Os elementos ornamentais que dão acabamento aparecem em cantaria, que consiste no uso de pedras aparelhadas e geralmente era muito utilizada nos elementos ou partes mais nobres das construções antigas em Minas Gerais (ÁVILA, 1979, p. 30). Os mesmos aparecem também em pedra sabão.

Elementos de ferro que naquela época era de difícil acesso, podem ser vistos nas dobradiças e fechaduras.

A madeira foi utilizada tanto como elemento estrutural (sustentação do telhado e barrotes do piso da nave, da capela-mor e do coro), quanto como elemento de acabamento

(piso de tabuado e o forro). Também como elemento de decoração, no altar-mor, altares laterais e púlpito.

O barro elemento construtivo muito utilizado na época, aparece no piso original da sacristia em tijoleira (FIG. 16), que se constitui em blocos maciços de barros assentados sobre terra batida.



Figura 16: Piso da sacristia (tijoleira)
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

Apesar de a capela ser datada de 1733, correspondente a primeira fase da arquitetura religiosa no século XVIII em Minas (1740), onde se enquadra os templos com frontispícios simples, em linhas retangulares, ornamentação concentrada apenas no interior das igrejas, normalmente edificadas em taipa ou adobe (ÁVILA, 1979, p. 21). O templo em estudo apresenta elementos ornamentais em cantaria, que começaram a ser introduzidos na segunda fase, a partir de 1740/1760. O que nos confere que o templo foi edificado em etapas e em momentos diferentes e passou por modificações ao longo dos anos.

A fachada principal (FIG. 17) apresenta portada com verga alteada (canga de boi), porta de madeira, de duas folhas de réguas, que se fecha por dentro com trancas e uma pequena ornamentação em relevo em estilo rococó (FIG. 18) confeccionada em argamassa. Duas janelas de madeira, com duas folhas de réguas, vergas alteadas, que se fecham e abrem por dentro, um óculo⁶ circular entre as janelas, dois coruchéus de pedra que fazem o coroamento. Acima da empena do telhado tem uma cruz de pedra, os elementos tais como a

⁶ Abertura circular ou elíptica destinada entrada de luz e ar, podendo adquirir outros formatos com função decorativa. Consultar ÁVILA, Afonso, 1979, p. 67.

base dos cunhais, vergas, ombreiras e contravergas são de pedra sabão, as fachadas (principal e posterior), bem como as laterais são arrematadas por cimalkas.⁷



Figura 17: Fachada principal.
Fonte: Cássia Miranda, 2017.



Figura 18: Detalhe da ornamentação da portada.
Fonte: Cássia Miranda, 2017.

Na lateral esquerda (FIG. 19) observam-se duas seteiras⁸ e um anexo que serve como sacristia (FIG. 20). O anexo possui cobertura de meia água com telhas do tipo capcanal, é composto por duas janelas de madeira, com duas folhas de réguas e vergas retas,

⁷ Elemento arquitetônico que arremata a parte superior da parede em concordância com o plano do forro ou do beiral, proporcionando maior elegância, é muito comum em construções do período colonial. Dentre os materiais utilizados para sua confecção, podemos citar alvenaria rebocada, madeira, cantaria, estuque, etc. Consultar ÁVILA, Afonso, 1979, p. 31.

⁸São pequenas aberturas estreitas e verticais. Eram utilizadas na arquitetura militar como vão para observação, vigia e tiro, mas também são encontradas na arquitetura civil e religiosa. Consultar ÁVILA, Afonso, 1979, p. 84.

trazendo os elementos tais como vergas, ombreiras e contravergas em cantaria. As janelas possuem grades externas de ferro, assentadas nas ombreiras.



Figura 19: Lateral esquerda da Capela de N. S. da Lapa de Olhos d'Água.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.



Figura 20: Detalhe da sacristia da Capela de N. S. da Lapa de Olhos d'Água.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

O acesso ao interior da capela é feito através da porta da sacristia, também em madeira, duas folhas de réguas, verga reta, ombreiras e soleira em cantaria. Antes da porta tem um portão de ferro trabalhado assentado nas ombreiras, aparentemente parece ter sido colocado posteriormente, assim como as grades externas das janelas, talvez para proteção e reforço a segurança do imóvel.

Acima da cobertura da sacristia tem um óculo circular (FIG. 21) com fechamento em madeira recortada.



Figura 21: Detalhe do óculo.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

A lateral direita (FIG. 22) é composta por duas seteiras, uma porta de duas folhas de réguas, verga alteada, ombreiras e soleira em pedra sabão, localizadas na nave. Na parte correspondente a capela-mor, tem apenas um óculo circular.



Figura 22: Lateral direita da Capela de N. S. da Lapa de Olhos d'Água.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

A fachada posterior (FIG. 23) é um vão fechado, com uma cruz localizada acima da empena do telhado. Toda a edificação é caiada de branco, as portas e janelas receberam pintura na cor azul e a cobertura constitui-se em telhado de duas águas com telhas do tipo capa-canal e beiral com cimalha. A edificação possui volumetria definida de acordo com o

padrão típico da arquitetura religiosa em Minas, nave com pé direito mais alto, seguida da capela-mor e sacristia.

A capela é cercada por um muro de pedra (FIG. 24) e possui um cemitério (FIG. 25), que ainda está em uso pela população local. Como já mencionado é um modelo que possui sineira isolada, no entanto, a mesma se perdeu no decorrer dos anos e não foi reconstruída. Os sinos estão guardados no depósito atrás do camarim.



Figura 23: Fachada posterior da Capela de N. S. da Lapa de Olhos d'Água.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.



Figura 25: Muro de pedra (entorno da capela).
Fonte: Cássia Miranda, 2019.



Figura 24: Detalhe de um túmulo.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

3.2.1. Descrição interna e dos elementos artísticos

Os primitivos templos apresentam uma arquitetura modesta, no seu interior apresenta nítido interesse artístico. A capela de Olhos d'Água apresenta alguns elementos

decorativos, tais como altar-mor e altares laterais. Bem como uma pia batismal⁹ localizada na lateral esquerda, arco-cruzeiro, dentre outros. A seguir breve descrição do interior da capela.

A nave apresenta piso de tabuado (FIG. 26), a porta da entrada principal, no lado esquerdo (evangelho) observa-se a pia batismal confeccionada em pedra (FIG. 27), púlpito e um altar lateral dedicado a São Miguel e Almas. No lado direito (epístola) temos uma porta lateral que dá acesso ao cemitério, a escada de acesso ao coro e um altar lateral dedicado a Nossa Senhora do Carmo.



Figura 26: Piso de tabuado.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

⁹É uma pia, podendo ser chamada também de bacia. Normalmente é colocada na entrada das igrejas, ou em um cômodo, o qual chamamos de batistério, o mesmo é destinado a realização de cerimônias de batismo. Nas igrejas de Minas do período colonial, as pias batismais eram confeccionadas em pedra sabão, trabalho muito bem feito por sinal. Consultar ÁVILA, Afonso, 1979, p. 164.



Figura 27: Pia batismal.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

O coro tem o piso de madeira (tabuado), balaustradas de madeira recortada e vazada, pintada nos tons branco e azul.

No centro da nave, a balaustrada (FIG. 28) de madeira recortada e vazada, elemento comum nas igrejas coloniais e muito utilizado na delimitação de espaço entre a nave e a capela-mor.



Figura 28: Balaustrada.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

Há predominância de elementos em estilo rococó, a começar pelo púlpito (FIG. 29) que é formado pelo consolo de pedra, bacia e caixa em madeira e a decoração em talha,

possui escada de acesso interna também em madeira paralela à parede. Os púlpitos nesse estilo são caracterizados por contornos sinuosos côncavos e convexos, ornatos dourados, assimétricos, aplicados sobre fundos claros com espaçamento entre os ornatos. Em alguns casos são encontrados, no lugar dos ornatos em talha, a pintura em tons claros, azul e vermelho, e enquadramento feito por molduras douradas. Também é empregada a pintura marmorizada (FABRINO, 2012, p. 33).



Figura 29: Púlpito.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

Os altares colaterais (FIG. 30) apresentam contornos em azul e fundo branco, talha simples e menos requintada se comparada ao altar-mor. Embora tenhamos conhecimento das Irmandades, ambos não possuem imagens ou esculturas de seu santo padroeiro.



Figura 30: Altares colaterais.
Fonte: Cássia Miranda, 2017.

O arco-cruzeiro faz a delimitação entre a nave e a capela-mor. É revestido em madeira, pintado nas tonalidades de branco e azul, possui um escudo e não apresenta nenhum elemento escultórico. Normalmente acompanha os mesmos temas empregados na talha da nave e capela-mor, demonstrando a preocupação em manter a harmonia entre os elementos ornamentais.

A capela-mor é considerada o lugar de maior importância e sagrado para a igreja católica, assim o arco cruzeiro faz a separação entre o mundano, isto é a nave, e o sagrado que é a capela-mor (FABRINO, 2012, p. 36). Nela encontramos bancos de madeira no total de cinco, mas de acordo com o capelão eles não são parte do mobiliário do templo e foram removidos da capela de N. S. das Dores, localizada na mesma comunidade. No lado esquerdo tem uma pia de água benta (FIG.32), feita de pedra sabão e a passagem de acesso à sacristia, um marco em cantaria (FIG. 31).



Figura 31: Passagem para sacristia.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.



Figura 32: Pia de água benta.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

O altar-mor (FIG. 33) dedicado a Nossa Senhora da Lapa tem maior destaque, possui policromia em tons claros de branco, azul e dourado, é constituído pela base, corpo e parte do coroamento e de acordo com informações do zelador, várias partes do altar principal foram furtadas. Acima do trono há um pequeno banner com a imagem da padroeira, a Santa esculpida em madeira e com aproximadamente 1,25 m desapareceu entre 1982 - 1984, no nicho esquerdo tem uma imagem do Sagrado Coração de Jesus (FIG. 34) e no nicho direito uma imagem de São José (FIG. 35).

Como característica do estilo rococó apresenta colunas retas com caneluras, talha simplificada, douramento reduzido e intercalado com o branco, eliminação da decoração zoomorfa e antropomorfa e da figura humana.



Figura 33: Altar-mor dedicado a N. S. da Lapa.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.



Figura 35: Sagrado Coração de Jesus.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.



Figura 34: São José.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

A capela sofreu pelo menos três furtos no decorrer dos anos, objetos litúrgicos e elementos decorativos desapareceram sem deixar rastros, os altares estão em péssimo estado de conservação e passaram por diversas modificações.

A sacristia (FIG. 36) traz características diferentes da nave e capela-mor. O piso é de tijoleira, em razoável estado de conservação, o forro é de madeira e retilíneo, pintado de branco e acompanha o caimento do telhado composto por meia água. Existem duas janelas de assento, com vergas retas e folhas em madeira, uma porta de verga reta e folhas de madeira, um lavabo (FIG. 37) de pedra entre as janelas e uma passagem de acesso a um cômodo usado para despensa e depósito, nesse mesmo cômodo tem uma escada de madeira que possibilita a entrada no camarim.



Figura 36: Interior da sacristia.
Fonte: Cássia Miranda, 2017.



Figura 37: Lavabo.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

O forro da capela é em formato de gamela (FIG. 38), esse tipo de forro normalmente é constituído de quatro painéis inclinados e um horizontal retangular, não apresenta elementos artísticos e é pintado de branco (ÁVILA, 1979, p. 49). De acordo com informações do zelador o forro foi modificado pelo menos três vezes e a princípio não teria a aparência atual, através das informações coletadas é possível deduzir que o forro anterior possa ter sido do tipo artesoadado¹⁰ sem elementos artísticos, apenas pintura, como ocorre na capela de Santana de Mariana.

O templo passou por manutenções e restauração, não obstante, vem sofrendo constantes degradações provenientes de infiltrações, fezes de morcegos e ações do tempo. Também pela falta de cuidados da paróquia (responsável pela capela) e do município, tendo

¹⁰ É um tipo de forro trabalhado, também chamado de caixotão.

em vista que o imóvel possui tombamento municipal. O cenário atual nos permite notar o mau estado de conservação, em especial os altares.



Figura 38: Detalhe do coro e forro.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

A capela passou por um processo de restauração que foi dividido em três etapas, a primeira e a segunda ocorreram em 2007 e a terceira referente à restauração dos elementos artísticos e produção de materiais didáticos de educação patrimonial em 2008, mas não pode ser concluída por falta de verba. Os trabalhos foram realizados por meio do Fundo Estadual de Cultura (FEC).

Como mencionando anteriormente os altares foram modificados e receberam várias camadas de tinta. Através de prospecções realizadas pela empresa contratada durante esse processo de restauração (2007 - 2008) pode ser constatado a existência de outras pinturas (FIG. 39 e 40) nos altares, balaustradas e arco-cruzeiro.



Figura 39: Detalhe de prospecção.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.



Figura 40: Decoração encontrada por baixo da pintura.
Fonte: Cássia Miranda, 2019.

CAPÍTULO III

COMPARAÇÃO ENTRE CAPELAS DA MESMA REGIÃO

4.1. Considerações iniciais

Até o momento, fizemos um apanhado sobre o município de Entre Rios de Minas e o distrito de Serra do Camapuã, localidade onde está inserido o nosso estudo de caso, bem como a descrição do templo, a origem do culto a N. S. da Lapa, a contextualização das primitivas capelas.

Agora daremos início às comparações entre as capelas. Como já mencionado anteriormente, a capela de Nossa Senhora da Lapa está localizada na comunidade de Olhos d'Água, no distrito de Serra do Camapuã, no que lhe concerne pertence ao município de Entre Rios de Minas. O município somado as cidades de Ouro Branco, Belo Vale, Congonhas do Campo, Conselheiro Lafaiete, Jeceaba e São Brás do Suaçuí, forma a região denominada Alto Paraopeba.

Selecionamos algumas edificações na referida região, já que a capela que utilizamos como estudo de caso, ali se encontra. No entanto, faremos menção a outras três capelas, que também estão próximas do templo em estudo, que se enquadram na região a qual chamamos Campo das Vertentes, englobando os municípios de Coronel Xavier Chaves, Prados e Carandaí. Esses locais apresentam exemplares de arquitetura religiosa setecentista, que consideramos importantes e dignas de serem discutidas neste trabalho.

O conteúdo apresentado aqui trará informações referentes ao partido arquitetônico empregado em cada exemplo, que mais adiante iremos mencionar, bem como características da arquitetura empregada na época, apresentando semelhanças e diferenças existentes entre eles (fachadas).

Sabemos que os primeiros templos construídos eram bem precários e edificadas com materiais de baixa qualidade, Smith reforça essa informação:

As primeiras capelas, que os bandeirantes construíram bem junto da cruz, que levantaram em cima de um monte, ou a beira de um córrego, eram edifícios provisórios com paredes de madeira e tetos de colmo. Fizeram dezenas delas nos primeiros anos do século, capelas que eram os únicos lugares onde se podia ouvir a missa e que se perpetuaram nas capelas particulares das fazendas. Foram logo reconstruídas todas em material mais forte e durável, em taipas, barro e tijolos, e com telhados (SMITH, 2012, p. 54).

O autor ressalta ainda que esses templos na forma primitiva derivam dos encontrados no norte de Portugal e cita como exemplo, a capela de São Miguel de Orgens, perto de Viseu, edificada em 1713 (SMITH, 2012, p. 54). A maioria possui a mesma planta quadrada, nave única e uma pequena capela-mor.¹¹

As obras dos templos se iniciavam pela capela-mor, sendo esta a mais importante e depois acrescida às demais repartições. Nas ermidas ou capelas, tem-se preferência pela sacristia ladeando a capela-mor, há casos em que a sacristia passa para os fundos, sendo acessível por corredores entalados na capela-mor.

Sabemos que os temas ligados à arquitetura exige bastante conhecimento e abrangem uma infinidade de assuntos. Sobre este tema amplo Vasconcellos diz o seguinte:

O estudo da arquitetura que se fez em Minas no período colonial comporta vários ângulos de análises - influências, história e conseqüências, etc. - que não são fáceis, senão praticamente impossíveis, de se resolverem no curto prazo de uma conferência. Se, de um lado, sua simplicidade, suas poucas variações, podem sugerir ligeireza do tema, por outro, essas mesmas características importam em esclarecimentos, em justificações e em exame de pormenores que só com maior vagar poderiam ser suficientemente atendidas (VASCONCELLOS, 2004, p. 117).

Vamos nos ater a uma análise sucinta de algumas edificações que consideramos importantes e que de certa forma permitirá maior clareza sobre a arquitetura religiosa primitiva, no que diz respeito aos modelos encontrados, as técnicas construtivas e algumas soluções empregadas.

Demarcamos as regiões do Alto Paraopeba e Campo das Vertentes, como entorno do estudo de caso. Dessa forma, destacaremos as capelas de Nossa Senhora da Boa Morte (Boa Morte – Belo Vale), Nossa Senhora da Ajuda (Alto Maranhão – Congonhas), Nossa Senhora da Soledade (Lobo Leite – Congonhas), Nossa Senhora do Rosário (Coronel Xavier Chaves), Nossa Senhora do Rosário dos Pretos (Prados) e Nossa Senhora da Glória (Ressaca – Carandaí).

É importante ressaltar que as capelas citadas anteriormente e que serão utilizadas para a realização desse estudo comparativo, foram escolhidas de acordo com a localização geográfica, ou seja, por se tratarem de templos situados em regiões próximas à capela de Olhos d'Água e por apresentarem algumas características em comum.

¹¹ Temos como exemplo de planta oval, a capela de São João de Ouro Fino, localizada no Morro São João de Ouro Preto. Raro exemplar de templos com planta redonda.

4.2. Análises comparativas

4.2.1. Capela de N. S. da Boa Morte, Boa Morte, Belo Vale – MG

A capela de N. S. da Boa Morte foi edificada no século XVIII e está localizada no município de Belo Vale, na comunidade de Boa Morte. Trata-se de uma comunidade quilombola formada no século XVIII, seus atuais habitantes são descendentes de escravos. Há relatos de que esses escravos que deram origem a comunidade, seriam os mesmos da Fazenda Boa Esperança, que era de propriedade do Barão de Paraopeba, situada na mesma região.¹²

De acordo com levantamento de dados realizados pelo Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte.

Pertenceu à freguesia de Congonhas e à Bonfim, sob cuja jurisdição permaneceu até 1911. Em pesquisa realizada no Arquivo Eclesiástico de Mariana, no Livro de batizados na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Congonhas (1731 a 1737), há registros de batizados realizados na capela já em 1731, em sua maioria filhos de escravos, o que leva a crer que a capela já se encontrava erigida nesta data. Em 1857 encontrava-se subordinada a São Gonçalo da Ponte, atual Belo Vale. Em seu frontispício traz a data de 1760 (MEMORIAL DA ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE, 2011).

Esse templo passou por diversas reformas que corroboraram para a descaracterização de sua forma original. Dentre as alterações e mudanças, podemos citar abertura de vãos (FIG. 41) na capela-mor, que transformaram as áreas dos corredores laterais em “naves laterais”.



Figura 41: Desenho ilustrando os vãos na capela-mor.

Disponível em: <http://www.estilonacional.com.br/web/?portfolio=capela-n-sa-da-boa-morte-em-belo-vale-mg> (acesso em 28 jun. 2019).

¹² CEDEFES. Disponível em: <<https://www.cedefes.org.br/boa-morte/>>. Acesso em 02 de julho de 2019.

A edificação está localizada no centro da comunidade, e boa parte das edificações são de pequeno porte, voltadas para a capela. A área de implantação da capela é plana, o adro é delimitado por um muro baixo edificado em pedra e o acesso é realizado através de um pequeno portão metálico. Observamos a torre sineira, no lado esquerdo, próximo ao portão de entrada, é confeccionada em concreto e possui uma pequena cobertura com telhado de duas águas.

Possui planta constituída por nave, capela-mor, separadas pelo arco cruzeiro, espaços laterais que correspondem à sacristia e consistório (porém, descaracterizados em sua forma original), púlpito e o coro. A técnica construtiva aplicada é a alvenaria de pedra.

A fachada principal (FIG. 42) apresenta o padrão jesuítico encontrado nas capelas mineiras, com porta no centro, duas janelas na altura do coro, ambas possuem vergas alteadas. Esse exemplo apresenta fachada com divisão tripartida, através de pilastras que ressaltam as cores vivas dos cunhais, a cornija faz o coroamento da fachada. No frontão triangular, temos o óculo centralizado (modelo trilobado). A porta é almofadada com verga alteada e as janelas possuem fechamento em caixilhos de vidro. A Volumetria é definida de acordo com o padrão da arquitetura colonial, possui alturas diferentes e coberturas independentes.



Figura 42: Fachada principal capela de N. S. da Boa Morte.

Disponível em: <http://www.estilonacional.com.br/web/?portfolio=capela-n-sa-da-boa-morte-em-belo-vale-mg> (acesso em 28 jun. 2019).



Figura 43: Ilustração da fachada posterior e lateral - capela de N. S. da Boa Morte.
Disponível em: <http://www.estilonacional.com.br/web/?portfolio=capela-n-sa-da-boa-morte-em-belo-vale-mg>
(acesso em 28 jun. 2019).

Neste exemplo, percebemos a diferença existente no partido arquitetônico adotado, formato em T muito difundido no período colonial. Na fachada principal (FIG. 44), notamos outras diferenças tais como, a presença de cornija na fachada e ao redor de toda a cobertura, os pináculos encimam os cunhais, modelo de fachada tripartida, é desprovida de ornamentação e apresenta diferenças também no modelo de óculo. No entanto, se assemelha a capela de Olhos d'Água, na técnica construtiva empregada, na solução para colocação de sinos e apresenta o mesmo número de vãos na fachada principal.

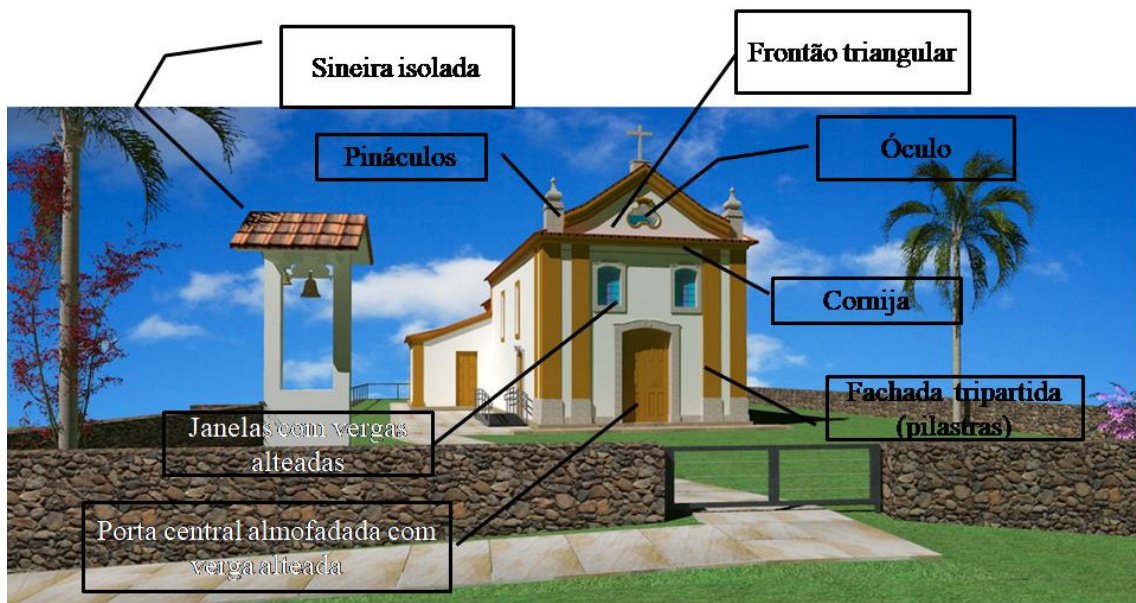


Figura 44: Ilustração fachada principal.
Disponível em: <http://www.estilonacional.com.br/web/?portfolio=capela-n-sa-da-boa-morte-em-belo-vale-mg>
(acesso em 28 jun. 2019).

4.2.2. Capela de N. S. da Soledade, Lobo Leite, Congonhas – MG

Este templo está localizado no distrito de Lobo Leite, no município de Congonhas. Edificada na segunda metade do século XVIII, não há registros referentes à autoria do projeto. De acordo com informações do IEPHA:

A Capela de Nossa Senhora da Soledade foi construída na primeira metade do século XVIII, primeiro como filial da Matriz de Ouro Branco, posteriormente, de Congonhas. Conforme registrou Cônego Trindade (1825), esta Capela foi autorizada por provisão em 9 de novembro de 1756. Trata-se, portanto, de uma construção posterior àquela anterior a 1735, como vimos, e edificada em local diferente da primitiva (IEPHA, 2014, p. 94).

O sistema construtivo consiste em alvenaria de pedra com embasamento corrido, típicos das edificações do terceiro quartel do século XVIII. Esse templo apresenta sineira isolada da edificação (FIG. 47), localizada na frente do adro, na lateral esquerda, trata-se de uma pequena estrutura de madeira com um pequeno telhado com cobertura de duas águas com telhas coloniais.

O partido arquitetônico apresenta planta em formato de T, composta por nave, capela-mor, ladeada por sacristia e consistório, púlpito e coro. A nave e a capela-mor são separadas pelo arco cruzeiro.

A volumetria é definida de acordo com o padrão da arquitetura religiosa em Minas, apresenta volumes diferenciados no que diz respeito à altura (do mais alto para o mais baixo), na nave, capela-mor, sacristia e consistório, dessa forma temos coberturas independentes que demonstram com clareza a organização exterior da edificação.

Na fachada (FIG. 48) da capela, notamos elementos confeccionados em pedra, porta central almofadada de verga alteada com ornamentação nas laterais em estilo rococó (FIG. 46), duas janelas de vergas alteadas na altura do coro com fechamento em caixilhos de vidro, possui duplicação de pilastras. As guarnições dos três vãos, das pilastras e cunhais são em cantaria. O entablamento em cantaria e dois pináculos nas extremidades fazem o coroamento. A linha superior do frontão, com óculo no centro, encimada por uma cruz, faz movimento em curvas e contracurvas.

Podemos notar nesse modelo em divergência ao nosso objeto de estudo, o partido arquitetônico empregado, a fachada apresenta duplicação de pilastras, coroamento por meio entablamento, o frontão ondulado, bem como pequenas diferenças nas portas e janelas (modelos e fechamentos). Em contrapartida, a técnica construtiva é a mesma, possui o mesmo

número de vãos na fachada, sineira isolada, definição volumétrica de acordo com padrão da arquitetura religiosa.



Figura 45: Capela de N. S. da Soledade.
Fonte: IEPHA, 2014, v. 1, p. 93.



Figura 46: Detalhe de ornamentação na fachada principal.
Fonte: IEPHA, 2014, v. 1, p. 95.



Figura 47: Sineira.
Fonte: IEPHA, 2014, v. 1, p. 95.

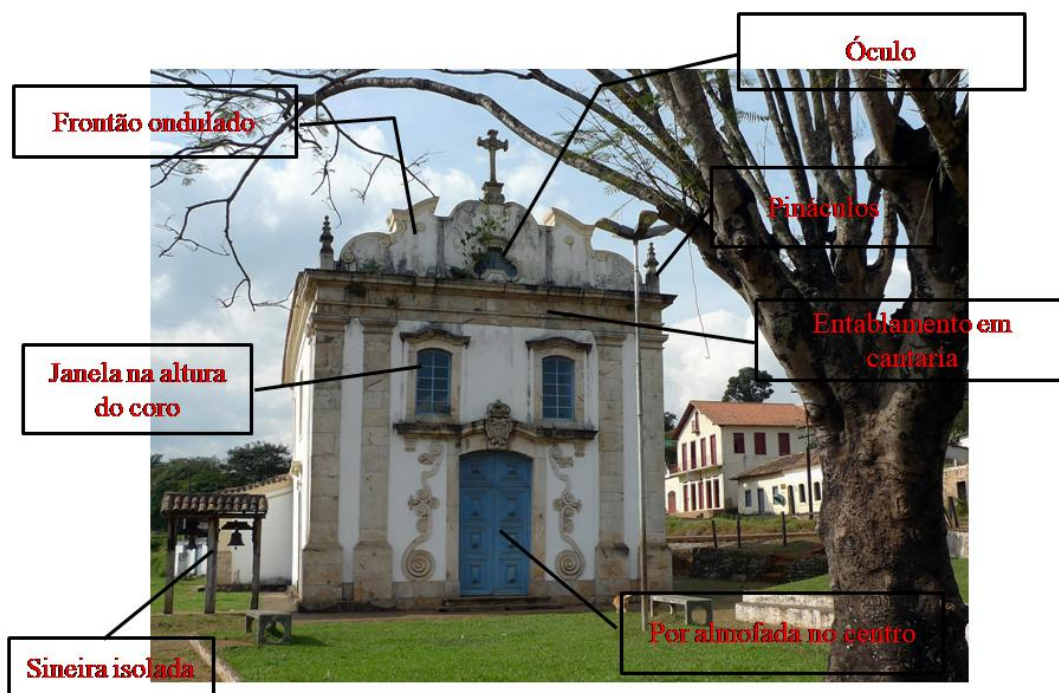


Figura 48: Fachada capela de N. S. da Soledade.

Disponível: <http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/programas-e-aco-es/patrimonio-cultural-protetido/bens-tombados/details/1/33/bens-tombados-capela-de-nossa-senhora-da-soledade> (acesso em 21 jul. 2019).

4.2.3. Capela de N. S. da Ajuda, Alto Maranhão, Congonhas – MG

Essa capela está situada no distrito de Alto Maranhão, no município de Congonhas do Campo. A criação da freguesia data de 1734. Alto Maranhão é o antigo povoado de Redondo, considerado um dos mais antigos de Minas, tendo surgido no início do século XVIII. O nome redondo manteve-se até por volta de 1918, quando foi denominado Alto Maranhão através da Lei n.º 723, de 30 de setembro de 1918. De acordo com alguns escritores a aplicação (Redondo) estaria associada à cidade de Redondo, em Portugal, atualmente com o mesmo nome (IEPHA, 2014, vol. 1, p. 97).

Sobre a construção da capela, boa parte das fontes pesquisadas não menciona a data de sua edificação. Mesmo com a escassez de informações, podemos listá-la como sendo de meados do século XVIII. Sendo considerada um importante exemplar da arquitetura religiosa do período colonial. A decoração interna também nos faz associá-la a meados do XVIII.

A capela de N. S. da Ajuda apresenta como solução para colocação de sinos, uma sineira isolada (FIG. 51) localizada na área externa do adro. Típicos dos templos correspondentes ao início dos povoadamentos, que mais tarde estabilizaram em decorrência da

exploração aurífera. Dessa forma a disposição dos sinos é algo em comum com o nosso estudo de caso.

Apresenta partido arquitetônico em formato de T (fig. 50), também muito difundido na época, composto por nave, capela-mor, púlpito, coro, sacristia e consistório. O sistema construtivo utilizado foi a alvenaria de pedra. A volumetria é definida de acordo com o padrão típico da arquitetura religiosa em Minas, trazendo alturas diferenciadas e coberturas independentes. Possui nas extremidades do telhado três cruzeiros e seis pináculos confeccionados em pedra sabão.

A fachada frontal (fig. 49) é composta por três vãos, porta almofada com verga alteada e ornamentação em relevo e duas janelas com vergas alteadas e fechamento com caixilhos de vidro. As guarnições dos vãos são em cantaria, o coroamento da fachada é feito através de uma cornija, acima da mesma temos o frontão recortado com um óculo no centro e dois pináculos nas extremidades.

Essa capela apresenta algo incomum. A divisão tripartida do corpo central da fachada, mencionada anteriormente no caso da capela da Boa Morte (Belo Vale) e Soledade (Lobo Leite). Conforme explica Miranda:

Esse modelo de fachada não tem precedentes em Minas Gerais e “constitui certamente um dos melhores exemplos nacionais de valorização estética dos recursos oferecidos pelas construções de madeira e barro”. A composição é referenciada em esquemas maneiristas reelaborados quanto às proporções e detalhes construtivos. Trata-se de característica particular que tem paralelo nas minas apenas na área de Congonhas, no grupo de capelas de Nossa Senhora da Ajuda em Alto Maranhão, Soledade em Lobo Leite e Boa Morte em Belo Vale (MIRANDA, 2019, p. 91).

A autora afirma ser esta uma solução e valorização de estética oferecida pelas construções de madeira e barro. No entanto, a capela de N. S. da Ajuda apresenta como técnica construtiva alvenaria de pedra.

Em suma podemos dizer que esse caso apresenta em comum a capela de N. S. da Lapa, a técnica construtiva empregada. A solução para a colocação de sinos, a fachada principal apresenta o mesmo número de vãos. O relevo ornamental também é algo em comum. Os templos apresentam diferenças tais como o partido arquitetônico, de tal forma que N. S. da Lapa apresenta um partido simplificado (nave, capela-mor e sacristia), os frontões são diferentes, a fachada tripartida presente em N. S. da Ajuda é algo que faz dela um exemplar diferente e incomum entre as outras capelas.

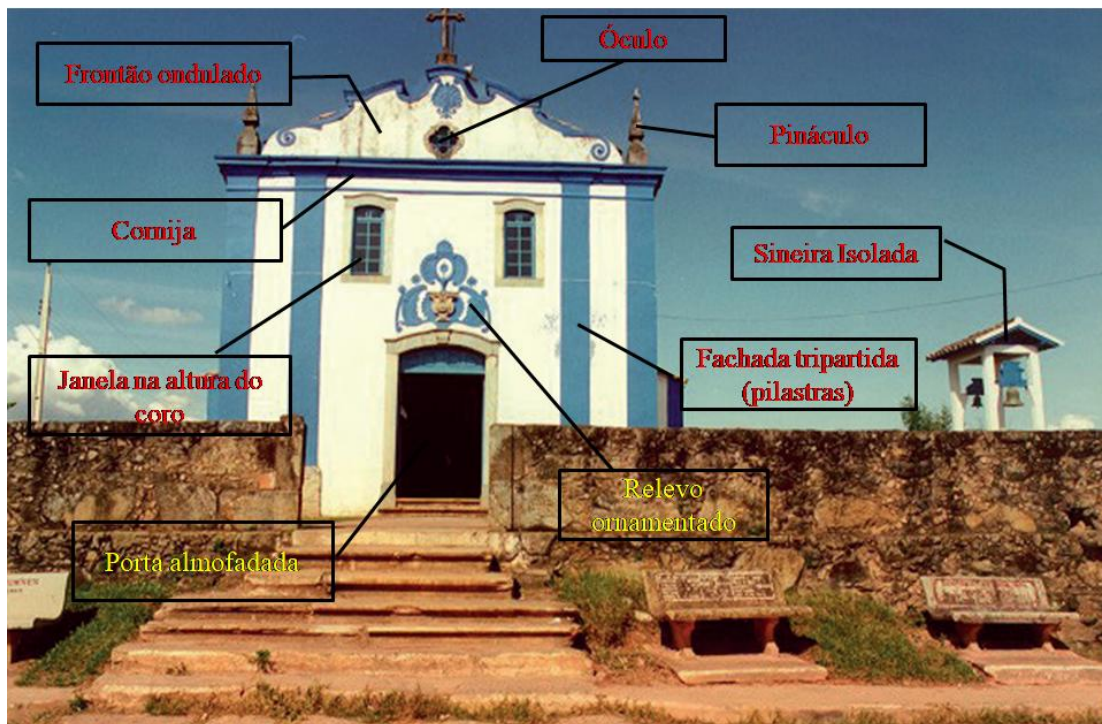


Figura 49: Fachada frontal, capela de N. S. da Ajuda.
 Fonte: IEPHA, 2014, v. 1, p. 97.



Figura 50: Fachada posterior e lateral (capela de N. S. da Ajuda).
 Fonte: IEPHA, 2014, v. 1, p. 98.



Figura 51: Adro e Sineira (capela de N. S. da Ajuda).
 Fonte: IEPHA, 2014, v. 1, p. 98.

4.3.4. Capela de N. S. do Rosário, Coronel Xavier Chaves

Sobre essa edificação não há muito que dizer no que diz respeito a sua origem. Sabemos que, pertencendo à Fazenda do Mosquito, que já no século XIX passou a ser propriedade do Coronel Francisco Rodrigues Xavier Chaves.

Essa capela¹³ apresenta algo incomum entre as demais edificações citadas aqui. Trata-se da alvenaria totalmente aparente, tanto externamente quanto internamente. Há relatos de que essa aparência se deu por ordens de um pároco, que mandou remover todo o revestimento. Hoje a capela exhibe suas paredes edificadas em pedra.

Este exemplo apresenta partido arquitetônico composto por nave e capela-mor ladeada por sacristia e consistório. Vale ressaltar que temos um caso em que foi aproveitada a cobertura da nave para capela-mor, dessa forma temos uma única cobertura de duas águas. A fachada principal (FIG. 52) apresenta frontão triangular, porta almofada com verga alteada, duas janelas de madeira almofadadas (apenas uma guarnecida com guarda corpo), na altura do coro, óculo circular no centro, beiral do tipo beira-seveira (fachada e arredores) (FIG. 53) e arrematando a fachada, dois pináculos e uma cruz. O sino foi inserido em uma das janelas (esquerda).

Em suma, podemos dizer que esta capela apresenta características diferentes em relação ao nosso estudo de caso, no que diz respeito ao partido arquitetônico, a solução dada para colocação dos sinos, ausência de ornamentação na fachada, as folhas das janelas e portas, são de modelos diferentes e o aproveitamento da cobertura da nave para a capela-mor. No entanto, apresenta em comum a técnica construtiva empregada e o mesmo número de vãos na fachada principal.

¹³ Essa edificação é dada como Igreja, mas as dimensões são de uma capela. Por esse motivo, optamos por trazê-la como um dos exemplos neste trabalho.

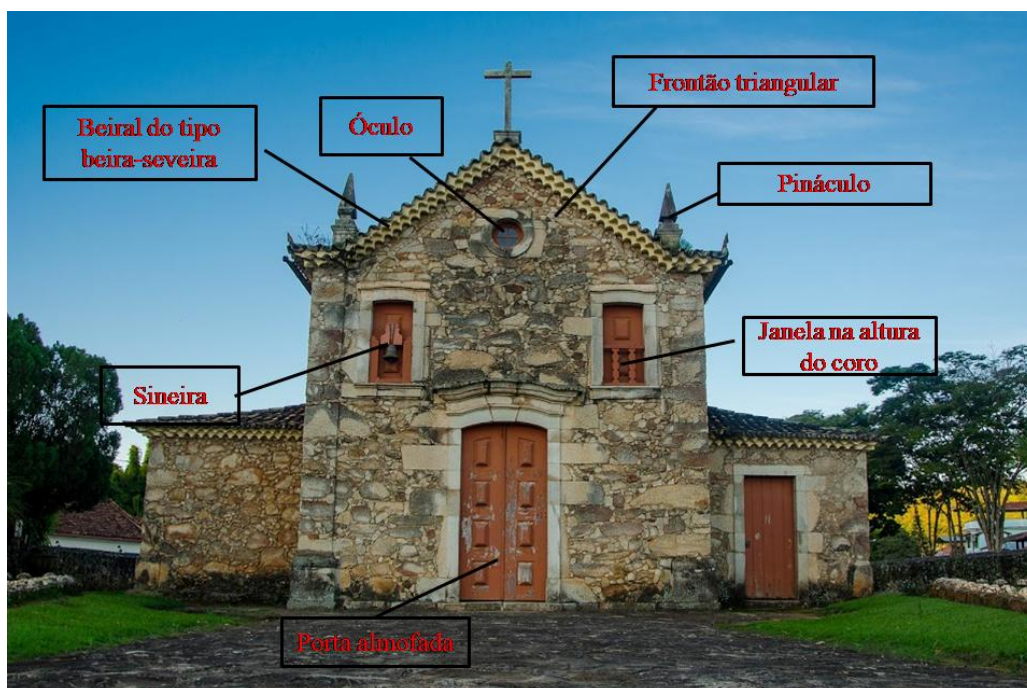


Figura 52: Fachada Igreja de N. S. do Rosário (Coronel Xavier Chaves).
Disponível em: <http://coronelxavierchaves.mg.gov.br/prefeitura/fotos/> (acesso em 19 jul. 2019).



Figura 53: Igreja de N. S. do Rosário (Coronel Xavier Chaves).
Disponível em: <http://coronelxavierchaves.mg.gov.br/prefeitura/fotos/> (acesso em 19 jul. 2019).

4.3.5. Capela de N. S. do Rosário, Prados - MG

Não há muitas informações sobre o início das obras desse templo. Temos conhecimento que foi uma iniciativa da Irmandade do Rosário dos Pretos. De acordo com informações da paróquia de Prados - MG:

A Capela de Nossa Senhora do Rosário é de grande importância para a vida social de Prados. A iniciativa de sua construção coube à Irmandade do Rosário dos Pretos, que a concluiu em finais do século XVIII, por volta de 1770. Não se conhece a data exata do início das obras. Esta edificação foi concebida a partir da dedicação dos escravos (PARÓQUIA DE PRADOS, 2012).

A capela possui torre sineira (FIG. 54) única na lateral, pouco difundida da região de Minas, sendo mais comum na região de Diamantina. Cidades como Ouro Preto, Mariana e Sabará, não é comum, templos com essa configuração. A técnica construtiva é a alvenaria de pedra.

A fachada principal (FIG. 55) é definida pelos cunhais, apresentando divisões. É constituída por três vãos, a porta almofada, duas janelas guarnecidas com guarda corpo na altura do coro, um pequeno nicho acima da porta, a cornija faz o coroamento da fachada, que apresenta a empena recortada com pináculos nas extremidades e uma cruz no centro. Na lateral esquerda temos a torre, que apresenta três janelas com vergas alteadas, guarnecidas com guarda corpo (na base da torre) é coroada pela cornija que arremata a fachada, acima possui quatro vãos abertos, onde em cada um temos uma sineira, possui cobertura piramidal, com dois pequenos pináculos nas extremidades.

O partido arquitetônico é composto pela nave, capela-mor, corredor de acesso à torre e a sacristia. Apresenta volumetria definida, de acordo com padrão típico da arquitetura religiosa em Minas, por tanto temos alturas diferenciadas e telhados independentes. Cobertura de duas águas (nave e capela-mor) e meia água (sacristia e corredor).

Notamos que este caso possui em comum a capela de N. S. Lapa a técnica construtiva empregada, o mesmo número de vãos na fachada principal e a definição volumétrica de acordo com o padrão típico da arquitetura religiosa em Minas. No entanto, apresenta partido arquitetônico diferente por ser um caso com torre única inserida na lateral, o que lhe confere um corredor de acesso à torre. Dessa forma temos uma planta acrescida de um corredor e torre lateral.



Figura 54: Capela de N. S. do Rosário dos Pretos (Prados).

Disponível em:

http://paroquiadeprados.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=103&Itemid=507 (acesso em: 07 jul. 2019).



Figura 55: Fachada frontal, capela de N. S. do Rosário, Prados - MG.
Disponível em: <https://www.viaggiando.com.br/2017/01/prados.html>. (acesso em: 28 jun. 2019).

4.3.6. Capela de N. S. da Glória, Carandaí - MG

A Capela do distrito de Ressaca foi construída em decorrência de doações de terras para formação de patrimônio religioso, sob a invocação de Nossa Senhora da Glória. Essas doações de terras “sesmarias” tornaram-se comuns na região onde hoje está situado o município de Carandaí, na segunda década do século XVIII e estenderam-se durante o período colonial (IEPHA, 2014, vol. 2, p. 213).

Dessa forma houve o parcelamento das terras em lotes urbanos, que deram origem as primeiras casas contribuindo para a formação de povoados. Normalmente as primeiras edificações eram de propriedade de fazendeiros ou comerciantes (IEPHA, 2014, vol. 2, p. 214).

A construção da Capela se deu por meio da provisão ordinária de 07 de janeiro de 1736, essa data é também marco da ocupação urbana na região de Ressaca. A princípio o povoado pertenceu à freguesia de Prados, termo da Vila de São José del Rei, hoje Tiradentes.

Diferente de outros povoados resultantes da descoberta e busca pelo ouro aluvial, Ressaca teve sua origem como fonte infraestrutural crucial para a realização de atividades agrícolas, comerciais, de hospedagem, prestação de serviços, bem como facilitar a ações de fiscalização realizadas pela Coroa Portuguesa.

Conforme mencionado anteriormente o templo é datado de 1736, tendo sido edificada em madeira e posteriormente reconstruída em alvenaria de pedra, em fins do século XVIII (IEPHA, 2014, vol. 2, p. 214).

A capela encontra-se em uma área elevada em posição de destaque no povoado, possui adro com grama nos arredores, palmeiras-imperiais e um cruzeiro em madeira. Muros de pedra fazem o contorno do adro e há existência de um cemitério. Este exemplar possui sineira isolada, pequena construção em madeira onde são colocados os sinos. A planta (FIG. 56) é formada por duas seções quadrangulares “nave e capela-mor” e sacristia na lateral, tradicional partido português. A fachada (FIG. 57) é composta por porta central, duas janelas na altura do coro e óculo. Frontão triangular arrematado por pináculos e cruz em pedra. Fundações e alvenaria em pedra revestida em argamassa de barro e pintada à base de cal. Os vãos possuem esquadrias de madeira, vergas retas, soleiras de pedra, porta de madeira almofadada e as janelas na altura do coro possuem fechamento em caixilhos de vidro.¹⁴

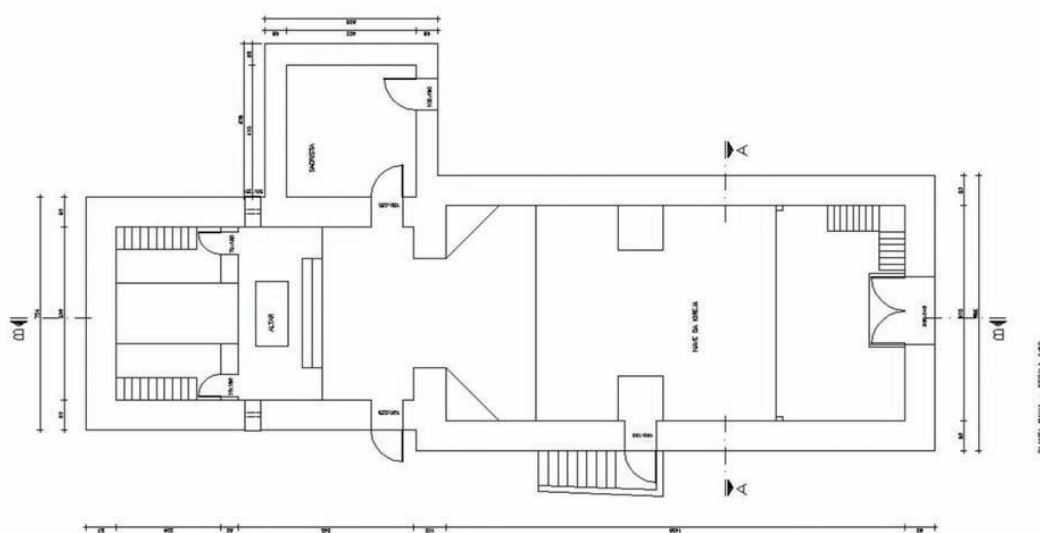


Figura 56: Planta (escala do desenho 1/100).
Fonte: IEPHA, 2014, p. 215.

Podemos dizer que esta edificação apresenta em comum ao nosso estudo de caso, a técnica construtiva empregada, o partido arquitetônico, a fachada apresenta o mesmo número de vãos, a solução para colocação dos sinos, o cemitério também é algo em comum.

¹⁴ Texto escrito baseado em informações contidas no Guia de Tombamento do IEPHA volume 2, no que se refere à Capela de Nossa Senhora da Glória.

No que diz respeito às diferenças, podemos identificar o beiral do tipo beira-seveira¹⁵ ladeando as fachadas e laterais, a sacristia localizada no lado direito, as vergas das portas e janelas são retas, é desprovida de relevo ornamentado na fachada, alguns elementos como portas e janelas se diferem (modelo dos fechamentos e vergas), bem como o óculo e a cruz acima da porta.

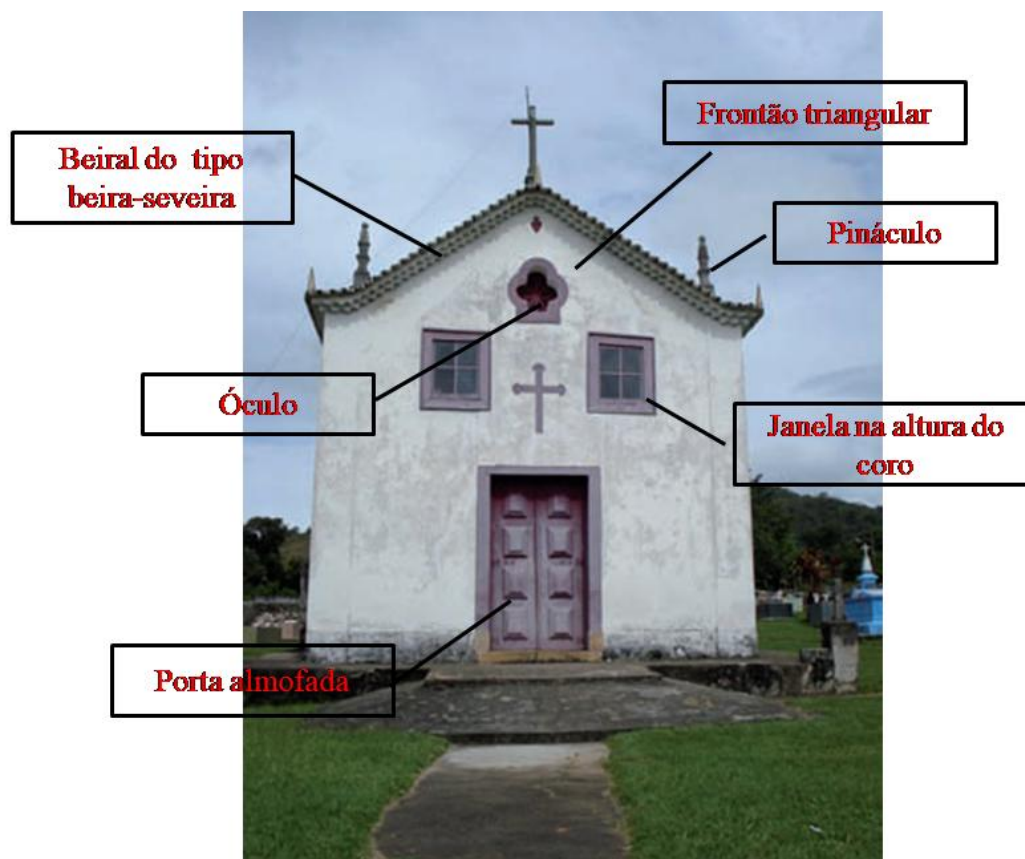


Figura 57: Capela de N. S. da Glória.
Fonte: IEPHA, 2014, vol. 2, p. 215.

¹⁵Beiral constituído por camadas de telhas, que, embutidas na ALVENARIA das paredes, se projetam sucessivamente. O mesmo que beira-sob-beira, beira-sobeira ou tríplice telha (ÁVILA, 1979, p. 26).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos á conclusão que os primitivos templos foram muito comuns após a descoberta das Minas. Alguns permaneceram até os dias atuais com características e os modelos arquitetônicos implantados na época, outros sofreram adaptações e muitos desapareceram.

Os modelos que foram preservados até os dias atuais, nos permitem notar algumas variações no partido arquitetônico, nas técnicas construtivas empregadas (que variam de acordo com os materiais disponíveis em cada região), bem como a solução para a colocação dos sinos, das quais podemos citar torre única na lateral (modelo pouco difundido em Minas), torres isoladas (campanários),¹⁶ pequenas construções rústicas de madeira com pequeno telhado como ocorre no nosso estudo de caso e em outros exemplos citados aqui, esses são os mais comuns, inseridos nas janelas e torre centralizada.

Podemos observar nos templos analisados que todos possuem a mesma técnica construtiva utilizada no nosso estudo de caso, sofrem variações em relação ao partido arquitetônico. De forma que tivemos quatro casos de plantas em formato de T (Boa Morte, N. S. da Ajuda, Soledade e Rosário de Coronel Xavier Chaves), somente uma, semelhante à capela de Olhos d'Água (N. S. da Glória) e um exemplar que apresenta planta composta por nave, capela-mor, sacristia e corredor lateral, por possuir torre única na lateral (N. S. Senhora do Rosário de Prados). As fachadas apresentam pequenas diferenças tais como tratamento dado para as portas e janelas (modelos), presença ou não de ornamentação e tivemos três casos de fachadas tripartidas (Boa Morte, N. S. da Ajuda e Soledade). Em relação à solução dada para colocação dos sinos constatamos quatro casos idênticos ao nosso estudo de caso (Boa Morte, N. S. da Ajuda, Soledade e N. S. da Glória), um caso que em que o sino foi inserido em uma das janelas (Rosário de Coronel Xavier Chaves) e N. S. do Rosário de Prados com torre única na lateral.

Enfim, este é um trabalho de cunho acadêmico que servirá como base para outros estudos, quem sabe até uma catalogação dessas primitivas capelas. Outro ponto importante é trazer a tona, informações sobre templos, talvez desconhecidos ou que não tenham o mesmo reconhecimento que os demais. Bem como despertar o interesse das autoridades e órgãos competentes dos municípios, a salvaguardar, a desenvolver trabalhos de conscientização e proteção ao patrimônio, nas escolas e nas comunidades.

¹⁶ A capela do Padre Faria em Ouro Preto é um exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

LIVROS:

ADUCCI, Edésia. Nossa Senhora da Lapa, Portugal. In: _____ **Maria e seus Títulos Gloriosos**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1998. p. 187-190.

AMARAL, Aracy. **Da terra: madeira e barro como suporte para a cor e o ouro**. In *Revista Barroco*, Belo Horizonte, n. 12, p. 279-283, 1982-1983.

AMORIM, J. Alves. **“Nossa Senhora da Lapa: síntese histórica de uma devoção multissecular”**. Sernancelhe: Santuário da Lapa, 2015.

ÁVILA, Afonso. **“Barroco mineiro: glossário de arquitetura e ornamentação”**. Rio de Janeiro: Fundação João Pinheiro e Fundação Roberto Marinho, 1979.

ARQUIDIOCESE DE BELO HORIZONTE. **Capela de Nossa Senhora da Boa Morte – Distrito da Boa Morte – Belo Vale**. Inventário do Patrimônio Cultural. Belo Horizonte, 2011.

BAZIN, Germain. **“A Arquitetura religiosa barroca no Brasil”**. Tradução Glória Lúcia Nunes. Vol. 1. Rio de Janeiro: Record, 1956.

BOHRER, Alex Fernandes. **“Ouro Preto um novo olhar”**. São Paulo: Scortecci, 2011.

BURTON, Richard. **“Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho”**. Tradução David Jardim Júnior. Brasília: Senado Federal, 2001. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1116>>. Acesso em: 9 fev. 2019.

BURY, John. **“Arquitetura e arte no Brasil colonial”**. OLIVEIRA, Myrian Andrade Ribeiro de (Org.) Brasília - DF: IPHAN / MONUMENTA, 2006. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. **Arquitetura Colonial Mineira**. In: _____ **Introdução ao barroco mineiro: cultura barroca e manifestações do rococó em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Crisálida, 2006. cap. 2. p. 19-37.

CAMPOS, Arthur Alves de Alcântara. **“Chorographia mineira: cidade município de Entre Rios”**. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 1, 1896, p. 799-818. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=30&op=1>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

COSTA, M. Gonçalves da. **“História do Santuário da Lapa”**. 3ª ed. Lamego: Tipografia Voz de Lamego, Lda, 2000.

ENTRE RIOS DE MINAS. Prefeitura Municipal. **“Dossiê de tombamento da capela de N. S. da Lapa de Olhos d’Água”**.

IEPHA. **“Guia de Bens Tombados”**. Vol. 1, 2ª ed. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2014. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br>. Acesso em 01 de fevereiro de 2019.

IEPHA. **“Guia de Bens Tombados”**. Vol. 2, 2ª ed. Belo Horizonte: Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 2014. Disponível em: <http://www.iepha.mg.gov.br>. Acesso em 01 de fevereiro de 2019.

MARTINS, Antônio de Assis. **“Almanak Administrativo, Civil e Industrial da Província de Mina Gerais”**. Rio de Janeiro: Typographia do Rio de Janeiro, 1870. p. 91-95. Disponível em: < <http://memoria.bn.br> >. Acesso em: 9 fev. 2019.

MENDES, Bruno. **“Levantamento Histórico Capela dos Olhos d’ Água”**. Entre Rios de Minas, Jan. 2009, p. 27.

MELLO, Suzy de. As construções religiosas In:_____ **Barroco Mineiro**. Belo Horizonte: Brasiliense, 1985. p. 122-164.

MIRANDA, Selma Melo. **“A igreja de São Francisco de Assis em Diamantina”**. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2009.

MUSEU DA LITURGIA. Pesquisa Histórica: relatório técnico final/ Maria Marta Araújo; Célio Macedo Alves. Belo Horizonte: Pró-Città, 2011.

OLIVEIRA, Dom Oscar de. **“Nossa Senhora das Brotas seu culto em Portugal e no Brasil: e subsídios para a história da paróquia de Nossa Senhora das Brotas, de Entre Rios de Minas”**. Pouso Alegre: Tipografia da Escola Profissional, 1958.

OLIVEIRA, Dom Oscar de. **“Nossa Senhora das Brotas em Portugal e no Brasil”**. Entre Rios de Minas, 1994.

OLIVEIRA, Dom Oscar de. Um pouco de nossa história. In. _____ **Terra natal: versos e um pouco de nossa história**. Mariana: Dom Viçoso, 1973. p. 23-31.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; CAMPOS, Adalgisa Arantes. Capela de Santana. In. _____ **Barroco e rococó nas igrejas de Ouro Preto e Mariana**. Brasília - DF: Monumenta, 2010. Vol. 2. p. 115-117.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro; SANTOS, Olinto Rodrigues dos. **“Barroco e rococó nas igrejas de São João Del Rei e Tiradentes”**. Vol. 1. Brasília - DF: Monumenta, 2010.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro. **“O rococó religioso no Brasil e seus antecedentes europeus”**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **“Quadro da Arquitetura no Brasil”**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVA, Aristides Neves da. Fundação de Entre Rios de Minas. In: _____ **Arqueologia de Entre Rios de Minas: cerâmica dos cataguá, fundação de Entre Rios de Minas**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1960. Vol. 2. p. 25-31.

SOUZA, Laura de Mello e. “**Opulência e miséria das Minas Gerais**”. Editora Brasiliense.

SMITH, Robert Chester. “**Robert Smith e o Brasil: arquitetura e urbanismo**”. Robert Chester Smith; organização, Nestor Goulart Reis Filho. Brasília, DF: Iphan, 2012.

TRINDADE, Dom Frei José da Santíssima. “**Visitas pastorais de Dom Frei José da Santíssima Trindade (1821-1825): Dom Frei José da Santíssima Trindade; estudo introdutório Ronald Polito de Oliveira, estabelecimento de texto e índices José Arnaldo Coelho de Aguiar Lima, Ronald Polito de Oliveira**”. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos e Culturais. Fundação João Pinheiro; Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.mg.gov.br/consulta/verDocumento.php?iCodigo=49459&codUsuario=1402>>. Acesso em 5 março 2019.

VASCONCELOS, Sylvio de. “**Arquitetura, Arte e Cidade: textos reunidos**”. Org. Celina Borges Lemos. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 2004.

VASCONCELOS, Sylvio de. “**Vila Rica**”. 2ª ed. - São Paulo: Perspectiva, 2011.

FONTES IMPRESSAS:

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Carta de Sesmaria, 04 ago. 1738, Manuel de Morais Coutinho, Sesmeiro**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 5, jan/jun 1900. p. 255-257. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=200&op=1>>. Acesso em 10 set. 2017.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Carta de sesmaria, 20 dez. 1713, Pedro Domingues, sesmeiro**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 4, 1899. p. 156. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=163&op=1>>. Acesso em 10 set. 2017.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Creação de villas no período colonial (Queluz)**. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 2, nº 1, jan/mar 1897. p. 105-107. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=60&op=1>>. Acesso em 10 set. 2017.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Limites geográficos de Queluz**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 17, nº 1, 1912. p. 267-269. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=439&op=1>>. Acesso em 10 set. 2017.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **Queluz: memórias municipais**. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 2, nº 1, jan/mar 1897. p. 66-70. Disponível em:

<<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=49&op=1>>. Acesso em 10 set. 2017.

REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. **X - relação das cidades, villas e povoações da província de Minas Geraes com declaração do número de fogo de cada uma (1830)**. Ouro Preto: Imprensa Oficial de Minas Gerais, v. 2, nº 1, jan/mar 1897. p. 18-28. Disponível em: <<http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/rapm/brtacervo.php?cid=41&op=1>>. Acesso em 10 set. 2017.

REVISTAS E PERIÓDICOS:

GAZETA MINEIRA. Monumentos Históricos de Entre Rios de Minas. Novembro de 1994, p.11. (Arquivo da Prefeitura Municipal de Entre Rios).

MIRANDA, Selma Melo. Nos bastidores da arquitetura do ouro: aspectos da produção da arquitetura religiosa no século XVIII em Minas Gerais. **Revista do IAC**, Ouro Preto, nº3, 1996. Disponível em: <<https://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/3cb/documentos/063f.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro. O conceito de identidade nacional na arte mineira no período colonial. **Revista do Instituto Estadual Brasileiro**, SP, 30: 1989, p. 117-128. Disponível em: <<file:///C:/Users/ATENDIMENTO/Downloads/70481-94141-1-SM.pdf>>. Acesso em: 31 jul. 2017.

REVISTA CODAP. Alto Paraopeba, um dos maiores pólos de desenvolvimento do país: cenário de uma revolução. Maio 2010, p. 23. Disponível: <http://www.fazitocomunicacao.com.br/imagens/20120311_Rev_CODAP_01.pdf>. Acesso em 30 fev. 2019.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES:

BOHRER, Alex Fernandes. **“A talha do estilo nacional português em Minas Gerais: contexto sociocultural e produção artística”**. 2015. 2 v. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015.

DIAS, Ermínio Carlos Almeida. **Candidatura do Santuário da Lapa a Monumento Nacional**. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Turística) – Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Viseu, Instituto Politécnico de Viseu, Viseu, 2015.

FABRINO, Raphael João Hallack. **Guia de Identificação de Arte Sacra**. 2012. 147 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Pesquisa desenvolvida na Superintendência do IPHAN, como parte do Programa de Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural, IPHAN, Rio de Janeiro, 2012.

MIGUEL, Eleusy Natália. **As torres das igrejas matrizes de Catas Altas e Itabirito em Minas Gerais**. 2016. 50 p. Monografia (Especialização em Cultura e Arte barroca) –

Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Filosofia, Artes e Cultura, UFOP, Ouro Preto, 2016.

RIBEIRO, Delmarí Angela. **Piranga, Arquitetura Religiosa e Obras de Restauração em Bacalhau: Preservação e Ação Comunitária**. 2009. 229 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

SITES:

COLIN, Silvio. **Morfologia das Igrejas Barrocas II**. Disponível em: <<https://coisasdaarquitectura.wordpress.com>>. Acesso em 5 março 2019.

DEPARTAMENTO DOS BENS CULTURAIS DA DIOCESE DO PORTO (BCDP). **Nossa Senhora da Lapa**. Porto. Disponível em: < www.bcdp.org/ >. Acesso em: 18 julho 2017.

ESTILO NACIONAL. **Ilustração dos vãos na capela-mor**. Disponível em: <<http://www.estilonacional.com.br/web/?portfolio=capela-n-sa-da-boa-morte-em-belo-vale-mg>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

ESTILO NACIONAL. **Fachada frontal, capela de N. S. da Boa Morte**. Disponível em: <<http://www.estilonacional.com.br/web/?portfolio=capela-n-sa-da-boa-morte-em-belo-vale-mg>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

ESTILO NACIONAL. **Ilustração da fachada frontal capela de N. S. da Boa Morte**. Disponível em: <<http://www.estilonacional.com.br/web/?portfolio=capela-n-sa-da-boa-morte-em-belo-vale-mg>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

ESTILO NACIONAL. **Ilustração da fachada posterior e lateral - capela de N. S. da Boa Morte**. Disponível em: <<http://www.estilonacional.com.br/web/?portfolio=capela-n-sa-da-boa-morte-em-belo-vale-mg>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

NAVARRO, Camila. **Fachada frontal - capela de N. S. do Rosário, Prados - MG**. Disponível em: < <https://www.viaggiando.com.br/2017/01/prados.html>>. Acesso em: 28 jun. 2019.

PARÓQUIA DE PRADOS. **Capela de Nossa Senhora do Rosário**. Disponível em: <http://paroquiadeprados.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=103&Itemid=507>. Acesso em: 07 jul. 2019.

PARÓQUIA DE PRADOS. **Sobre a capela do Rosário**. Disponível em: <http://paroquiadeprados.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=103&Itemid=507>. Acesso em: 07 jul. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL. Coronel Xavier Chaves. **Fachada Igreja de N. S. do Rosário**. Disponível em: <<http://coronelxavierchaves.mg.gov.br/prefeitura/fotos/>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL. Coronel Xavier Chaves. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário.** Disponível em: <
<https://coronelxavierchaves.mg.gov.br/prefeitura/2017/04/01/igreja-de-nossa-senhora-do-rosario/>>. Acesso em: 07 jul. 2019.

RICHA, Lênio Luiz. **Genealogias, família Moraes Coutinho.** Disponível em: <
http://www.marcopolo.pro.br/genealogia/paginas/cantagalo_morcout.htm>. Acesso em 02 de julho de 2019.

SANTUÁRIO DA LAPA. **Origem do Culto.** Sernancelhe. Disponível em: <
<http://www.santuariodalapa.pt/index.php/entrada-site/origemdoculto>>. Acesso em: 06 novembro 2017.

TELLES, Augusto C. da Silva. **Brasil – Arquitetura Religiosa Barroca.** Disponível em: <
<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/14-11-2014%20Artigo%20-%20Brasil%20-%20arquitetura%20religiosa%20barroca.pdf>>. Acesso em 02 de julho de 2019.